



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CÂMPUS GOIÁS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA - UAECH

**A DISCIPLINA EM MICHEL FOUCAULT: O PANÓPTICO ENQUANTO
MECANISMO DISCIPLINAR**

Marcos Paulo Paes Carvalho

CIDADE DE GOIÁS
Outubro de 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFMG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFMG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo do autor: Marcos Paulo Paes Carvalho

Título do trabalho: A disciplina em Michel Foucault: o panóptico enquanto mecanismo disciplinar

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por Cicero Josinaldo Da Silva Oliveira, Chefe, em 04/11/2021, às 13:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por MARCOS PAULO PAES CARVALHO, Discente, em 08/11/2021, às 17:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CÂMPUS GOIÁS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA - UAECH

Marcos Paulo Paes Carvalho

**A DISCIPLINA EM MICHEL FOUCAULT: O PANÓPTICO ENQUANTO
MECANISMO DISCIPLINAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Goiás – Câmpus Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Cícero Oliveira.

CIDADE DE GOIÁS

Outubro de 2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Carvalho, Marcos Paulo Paes

A disciplina em Michel Foucault [manuscrito] : O Panóptico enquanto mecanismo disciplinar / Marcos Paulo Paes Carvalho. - 2021.

L, 50 f.

Orientador: Prof. Cícero Josinaldo da Silva Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas, Filosofia, Cidade de Goiás, 2021.

Bibliografia.

1. Disciplina. 2. Poder. 3. Panoptismo. 4. Corpos Dóceis. I. Silva Oliveira, Cícero Josinaldo da, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 04 dias do mês de novembro do ano de 2021, às 09 horas da manhã, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A disciplina em Michel Foucault: o panóptico enquanto mecanismo disciplinar", de autoria de Marcos Paulos Paes Carvalho, do curso de Licenciatura em Filosofia, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas (UAECH) do Câmpus Goiás (CG) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Doutor Cícero Josinaldo da Silva Oliveira da UAECH-UFG, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Me. Guilherme de Freitas Leal da UAECH-UFG e Profa. Dra. Adriana Delbó Lopes da Faculdade de Filosofia FAFIL-UFG.

Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Goiás, 04 de novembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Cícero Josinaldo Da Silva Oliveira, Chefe**, em 04/11/2021, às 13:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Delbó Lopes, Professora do Magistério Superior**, em 04/11/2021, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme De Freitas Leal, Professor do Magistério Superior-Substituto**, em 08/11/2021, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2459454** e o código CRC **37F882CA**.

A DISCIPLINA EM MICHEL FOUCAULT: O PANÓPTICO ENQUANTO MECANISMO DISCIPLINAR

Resumo: Este trabalho emerge de uma pesquisa filosófica feita a partir da obra *Vigiar e Punir* (1975) de Michel Foucault (1926-1984). Inicialmente, o estudo apresenta o diagnóstico moderno realizado por Foucault acerca do poder disciplinar e o modo pelo qual o exercício deste poder pode gerar efeitos diversos nos indivíduos e nas sociedades. Partindo do entendimento do propósito da disciplina e estendendo-nos à análise do panoptismo, discutimos a centralidade deste tipo de poder na formação das sociedades modernas e o papel do dispositivo panóptico enquanto mecanismo disciplinar. Além do exame da importância do panoptismo na formação das “sociedades disciplinares”, indicamos um campo possível de sua influência nas relações de poder contemporâneas.

Palavras-chave: Disciplina, Poder, Panoptismo, Corpos Dóceis.

THE DISCIPLINE IN MICHEL FOUCAULT: THE PANOPTICON AS A DISCIPLINARY MECHANISM

Abstract: This work emerges from a philosophical research made from the work *Discipline and Punish* (1975) by Michel Foucault (1926-1984). Initially, the study presents the modern diagnosis made by Foucault about the disciplinary power and the way in which the exercise of this power can generate different effects on individuals and societies. Starting from the understanding of the purpose of the discipline and extending ourselves to the analysis of panoptism, we discuss the centrality of this type of power in the formation of modern societies and the role of the Panoptic device as a disciplinary mechanism. In addition to examining the importance of panoptism in the formation of "disciplinary societies", we indicate a possible field of its influence on contemporary power relations.

Keywords: Discipline, Power, Panoptism, Docile Bodies.

Este trabalho é dedicado primeiramente à minha família, pois sem o seu apoio seria impossível o prosseguir de meus estudos. O trabalho também é dedicado a todos os meus amigos, em especial, ao Lucas Barros e Gabriel Andrade que, como irmãos, fazem parte de minha vida e jornada acadêmica. Dedico também, ao meu irmão Welison Junior e minha companheira Camila de Oliveira que sempre me dão forças para que eu enfrente as dificuldades que a vida venha a trazer. Mais que o TCC de um curso, este trabalho significa a resistência de um homem preto a um sistema repleto de desigualdades. QUE O ENSINO PÚBLICO DE QUALIDADE RESISTA!

Sumário

Introdução	10
1 O propósito disciplinar	13
1.1 Produzir corpos dóceis	13
1.2 A organização dos processos disciplinares.....	17
2 Os dispositivos disciplinares	26
3 Panoptismo	39
3.1 O princípio de funcionamento do panoptismo	41
3.2 O panoptismo e a formação da sociedade disciplinar.....	46
3.3 O panoptismo na contemporaneidade	53
Considerações finais	56
Referências	58

Introdução

Michel Foucault, filósofo francês nascido em Poitiers na França (1926) foi autor de diversas obras importantes para a filosofia contemporânea ocidental. Formado em Filosofia e Psicopatologia, escreveu obras importantes como: *As palavras e as coisas* (1966); *História da Loucura* (1961) e *Vigiar e Punir* (1975). Para além de seus livros, o autor deixou também diversos estudos e entrevistas que compõem uma bibliografia extensa e repleta de análises importantes acerca das diversas relações de poder existentes nas sociedades.

Estudiosos da obra do francês discernem sobre as mudanças presentes na bibliografia foucaultiana. Segundo Jorge Vasconellos (2007), a obra de Foucault pode ser dividida em três grandes fases, que não necessariamente têm continuidade temática entre si. Teremos então a primeira fase caracterizada como a fase Arqueológica, a segunda é tomada como epistemológica e, por fim, a fase Genealógica. As três fases distinguem os métodos utilizados pelo francês nos estudos que realizou durante sua vida.

Talvez as obras mais famosas do filósofo estão situadas entre a fase arqueológica e a fase genealógica, nas quais podemos citar *As palavras e as coisas* (1966), *A arqueologia do saber* (1969), *Vigiar e Punir* (1975), *A História da sexualidade I: A vontade de saber* (1976). Na introdução de *Microfísica do Poder* Roberto Machado apresenta que a arqueologia foucaultiana visa responder “como os saberes apareciam e se transformavam” nas sociedades (2021, p.11). Ele mesmo distingue a diferença entre a fase arqueológica e a genealógica. Segundo Roberto Machado, a genealogia não visa entender como os saberes se formam, mas sim, o porquê dos saberes. Em outras palavras, a genealogia visa explicar a existência dos saberes e “suas transformações situando-os como peça de relações de poder” (2021, p. 11).

A obra que embasa este estudo é *Vigiar e Punir*, obra que está situada no campo da Genealogia foucaultiana. Na obra, o filósofo francês analisa historicamente como ocorrem mudanças cruciais no modo de punir indivíduos entre os séculos XVII e XVIII nos quais ele identifica como a punição se desloca das técnicas extremamente violentas do suplício dos corpos, provenientes dos rituais altamente codificados da soberania, para as técnicas modernas da disciplina que visa a docilização dos corpos e aumento de suas utilidades e capacidades produtivas.

O estudo realizado por Foucault tem muito a dizer acerca da formação das sociedades modernas. Ao estudar a punição na “Época Clássica”¹ o autor identifica o modo

¹ Em *Vigiar e Punir*, Foucault denomina “Época Clássica” o período que vai do século XVII ao XIX.

pelo qual o poder disciplinar se direciona ao corpo social através de seus dispositivos e técnicas que, conforme seu diagnóstico, são fundantes das relações sociais modernas e do indivíduo que pertence a essas sociedades. Nas palavras do autor, o que ele pretende apresentar com a obra é “[...] como, a partir dos séculos XVII e XVIII, houve um desbloqueio tecnológico da produtividade do poder”. Acerca deste desbloqueio tecnológico, ele aponta como surge uma nova economia do exercício do poder, onde se tornou possível que os efeitos de poder tramitassem de maneira “ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e ‘individualizada’ em todo o corpo social” (FOUCAULT, 2021, p. 45).

Este estudo monográfico tem por objetivo identificar o diagnóstico foucaultiano acerca do poder disciplinar e, ao mesmo tempo, identificar a centralidade do dispositivo panóptico no exercício desse poder e na formação das sociedades modernas ou, conforme a análise propõe, as chamadas “sociedades disciplinares”. O que se poderá ver aqui é um estudo filosófico-teórico, que tem seu foco na análise de conceitos centrais identificados em obras importantes do autor francês, em especial, entender do que se trata o poder disciplinar na obra *Vigiar e Punir*.

Para tanto, este estudo irá se dividir em três capítulos, a saber: O propósito disciplinar; os dispositivos disciplinares; O panoptismo. No primeiro capítulo o que se apresenta é o objetivo essencial do poder disciplinar diagnosticado por Foucault, o modo como esse poder se organiza em prol de tamanho objetivo, como, a partir das técnicas que vai criando e aperfeiçoando, este poder se direciona aos corpos e cria efeitos diversos nas subjetividades humanas.

No segundo capítulo é apresentada a centralidade dos dispositivos de “sanção normalizadora”, “vigilância hierárquica” e “exame” nas engrenagens da máquina disciplinar, seu modo de atuação e seus efeitos de poder sobre os corpos, mediante com a função principal da disciplina. Também é apresentado o modo como esses dispositivos estão intimamente ligados às relações de saber-poder explicitadas por Foucault.

No último capítulo, o estudo se ocupa de entender o funcionamento do panóptico e sua atuação importantíssima enquanto dispositivo disciplinar, suas funcionalidades, seus efeitos nas sociedades modernas, seu caráter tecnológico e o modo como Foucault identifica este dispositivo como central na propagação do poder disciplinar e formação da “sociedade disciplinar”. Ainda neste capítulo, propõem-se de maneira breve, pensar acerca da expansão desta tecnologia para as relações de poder da sociedade contemporânea e suas possíveis atuações em meio às novas tecnologias, como, por exemplo, a internet.

A partir desta configuração, o estudo buscará entender as funcionalidades deste tipo de poder chamado disciplina, e como o exercício deste poder pode gerar efeitos dos mais diversos nas sociedades. Ao mesmo tempo, buscamos identificar o modo como a disciplina se espalha ao corpo social através de suas técnicas e dispositivos, identificando assim o papel central do poder disciplinar na formação das sociedades modernas e sua influência no comportamento do indivíduo moderno. Se deslocando do entendimento do propósito disciplinar ao surgimento do panoptismo, o estudo ainda averigua a centralidade do dispositivo Panóptico não só nas engrenagens da disciplina, mas também sua importância na configuração das sociedades disciplinares, quiçá na configuração das sociedades contemporâneas.

1 O propósito disciplinar

Em *Vigiar e Punir* (1975), o autor francês Michel Foucault aborda o advento e a evolução dos métodos punitivos do que ele denomina período clássico; os séculos XVII e XVIII. A obra traz em seu conteúdo uma análise do modo pelo qual se puniam os indivíduos nas sociedades dessas épocas e discorre sobre os efeitos que os diferentes métodos punitivos causaram nas subjetividades e nas sociedades modernas.

A partir da história de instituições como prisões, exércitos, liceus e hospitais, o francês nota a emergência de novas práticas e de fatos que não são narrados nos livros de história convencionais, mas que aparecem registrados em diversos documentos negligenciados pelas mais difundidas narrativas históricas acerca da modernidade. Ele propõe uma revisitação à história dos dispositivos punitivos e analisa, a partir dela, o modo peculiar como se desenvolvem as disciplinas no século XVII, e como no decorrer dos anos, ocorrem mudanças nos métodos de punir indivíduos.

Este capítulo tem por objetivo identificar na obra do francês a singularidade deste poder capaz de penetrar nas sociedades e produzir um novo modo de agir nos indivíduos. Deste modo, entende-se que ao identificar os aspectos que compõem essa técnica de poder, possamos chegar ao entendimento inicial do que seria o diagnóstico foucaultiano acerca do poder disciplinar explicitado em *Vigiar e Punir*.

*

1.1 Produzir corpos dóceis

Em *Vigiar e Punir*, o soldado ideal, ainda no início do século VXII, é descrito pelo autor como alguém que possui naturalmente em seu corpo os aspectos necessários para a execução de tal ofício. Este soldado aprende o ofício das armas lutando, e “as manobras como a marcha, as atitudes como porte da cabeça se originam em boa parte, de uma retórica corporal da honra” (FOUCAULT, 2014, p. 133).

Foucault nota que a partir da segunda metade do século XVIII há uma mudança na figura do soldado. Não se trata mais de uma fisionomia natural, de um indivíduo que nasce naturalmente com as características de um soldado, nem de um modo de se portar forjado especificamente pela honra. Segundo o autor, o soldado passa a ser algo que se fabrica.

Este ponto é importantíssimo. Temos agora um novo entendimento de corpo: um corpo fabricado, ou seja, o corpo é agora um objeto, e não um objeto qualquer, mas um objeto forjado para cumprir aquilo que se deseja. Neste registro aponta o autor: “Houve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Nota-se que o corpo como objeto de poder se apresenta como uma espécie de ferramenta, um objeto que se possa fabricar e utilizar, com um propósito que deve ser atingido. Mas como se fabrica essa ferramenta? Quais os processos capazes de tornar o corpo humano um objeto útil e obediente?

A forma com a qual diversas instituições foram se formando no decorrer da Era Clássica, aponta Foucault, revela uma maquinaria que vai ao encontro do corpo dos indivíduos nas sociedades. Essa maquinaria torna os corpos um objeto de estudo e vê neles a possibilidade de torná-los a máquina de que se necessita. Há uma série de processos e regulamentos que vão analisar e refletir modos de “controlar ou corrigir as operações do corpo” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Foucault aponta dois registros distintos oriundos da “Era Clássica”: ora trata-se de processos de utilização e sujeição, ora de processos para se entender o corpo e explicar seu funcionamento. O corpo é tomado como algo útil e também inteligível. É no cerne dessa dupla sujeição do corpo que surge o conceito de docilidade em *Vigiar e Punir*. Segundo o autor: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Não seria a primeira vez que o corpo é alvo de poderes meticulosos e apertados. O autor reconhece isso. O que ele nota de diferente e deixa claro na obra analisada, é que o século XVIII traz uma mudança no modo como este poder se direciona aos corpos. Vejamos:

Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao mesmo nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças do que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Foucault revela um conjunto de técnicas capazes de operar sobre o corpo uma coerção ao mesmo tempo contínua e meticulosa. Aponta o francês: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (FOUCAULT, 2014, p. 135). Neste sentido, como afirma Edgardo Castro, “*Vigiar e Punir* está inteiramente ligado ao estudo dos dispositivos disciplinares” e “ao conjunto de técnicas e procedimentos com os quais se busca produzir corpos politicamente dóceis” (CASTRO, 2015, p. 66). Eis, portanto, o propósito disciplinar: moldar os corpos, tornando-os dóceis, utilizáveis, eficientes e rentáveis no sentido econômico.

Os séculos XVII e XVIII são um marco para as disciplinas, pois, segundo o francês, é nesse período que elas se tornam uma espécie de fórmula geral de dominação. Roberto Machado, define que a disciplina diagnosticada por Foucault é “uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder” (FOUCAULT, 2021, p. 21).² Nasce então, uma arte do corpo humano, momento histórico das disciplinas segundo Foucault. É esta arte que, ao encontro do corpo, busca elevá-lo ao nível da mecânica, torná-lo cada vez mais útil, e cada vez mais obediente.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. [...] Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Nessas transformações técnicas constituidoras de micropoderes não há mudanças da água para o vinho; são anos de desenvolvimento, de aprimoramento. Surge uma particularidade aqui, outra acolá, e com o tempo elas conversam entre si e se convergem num gigantesco mecanismo microfísico de coerção. Elas são encontradas funcionando em instituições como prisões, escolas, fábricas, exércitos, etc. Mas a disciplina não é uma instituição fechada. O modo como ela articula e converge diversas particularidades em um aparelho coercitivo, conforme diagnosticado por Foucault, leva ao entendimento de que a disciplina “não é um aparelho nem uma instituição, à medida que funciona como uma rede

² Citação extraída da introdução organizada por Roberto Machado na 11ª edição da obra *Microfísica do Poder* publicada pela editora Paz e Terra em 2021.

que o atravessa sem se limitar às suas fronteiras” (FOUCAULT, 2021, p. 21).³ Portanto, a disciplina é um tipo de poder caracterizado por técnicas que vão ao encontro dos corpos com o objetivo de fazer deles o que se necessita.

Foucault não busca apenas fazer a história das instituições disciplinares, ele percebe na história dessas instituições certo “investimento político e detalhado do corpo” (FOUCAULT, 2014, p. 136) ao qual voltou seus olhos com suspeita, pois percebe que não cessaram seu desenvolvimento no século XVII e que ainda foram capazes de ocasionar mudanças nos regimes punitivos no início da época contemporânea. O autor busca descrever essas técnicas, de modo a entender como elas se generalizam indo uma ao encontro da outra, como elas fabricam corpos docilizados.

Com o passar dos anos diversas técnicas disciplinares sofrem mudanças, seus métodos se tornam cada vez mais rigorosos e atentos às minúcias do corpo humano. Dentre as características vigentes na evolução dos métodos disciplinares descritos por Foucault, está a preocupação com o “detalhe”. Nas palavras dele: “A disciplina é uma anatomia política do detalhe. [...] haveria uma longa história a ser escrita- história da racionalização utilitária do detalhe na contabilidade moral e no controle político” (FOUCAULT, 2014, p. 137). O francês deixa claro que a “Era Clássica” não foi quem inaugurou essa grande preocupação com o detalhe, mas ela acelera esse processo e muda sua escala, dá instrumentos para que a disciplina possa compor, com precisão, características comportamentais dos indivíduos.

Trata-se de um movimento de aperfeiçoamento das técnicas disciplinares. Com o passar dos anos, as técnicas de disciplina voltaram seus olhos para os mais minuciosos comportamentos humanos, visando entender o homem com um olhar clínico, sem deixar escapar qualquer pormenor. Qualquer detalhe, por mínimo que seja, pode ser importante para que se tenha eficiência em docilizar corpos, portanto, deve ser considerado.

Assim, as disciplinas vão aos poucos sendo aperfeiçoadas, atendendo diferentes economias de poder, respondendo exigências conjunturais, se espalhando por campos cada vez mais vastos nas sociedades. As disciplinas adentram com precisão nos detalhes do corpo humano, traçando todo e qualquer entendimento do corpo em busca do aprimoramento e da máxima eficiência de que se precisa. Esse enfoque político aos detalhes do corpo advindo da “Era Clássica” carrega consigo todo um conjunto de técnicas e saberes que, segundo o autor, forjaram “o homem do humanismo moderno” (FOUCAULT, 2014, p. 139).

*

³ *Ibidem.*

1.2 A organização dos processos disciplinares

Vigiar e Punir nos mostra como na “Era Clássica” todo um aparato de técnicas advindos dos processos disciplinares vão se ocupar de distribuir os corpos em determinados espaços, impor-lhes afazeres, controlar o tempo de suas atividades, organizar o tempo disciplinar de segmentos múltiplos e sucessivos de aprendizagem; e organizar as forças individuais para que juntas formem um aparelho eficiente.

A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. [...] A disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve o grande “encarceramento” dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mas insidiosos e eficientes (FOUCAULT, 2014 p. 139).

As escolas e as instituições militares são citadas pelo autor, em *Vigiar e Punir*, como exemplos de instituições que fazem uso de técnicas que tratam de delimitar o espaço de localização dos corpos, assim favorecendo o controle individual e coletivo dos sujeitos a partir de seus respectivos espaços⁴. Em outro exemplo, temos a fábrica, cujo modo de operação revela esse princípio: “o guardião só abrirá as portas à entrada dos operários, e depois que houver soado o sino que anuncia o reinício do trabalho” (FOUCAULT, 2014, p. 140). Importa extrair o máximo das forças de trabalho e evitar os desvios. Deste modo, o cercamento dos indivíduos e a distribuição deles no espaço revela um método de controle baseado em um único princípio, o de “clausura”.

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina fabrica um espaço analítico (FOUCAULT, 2014, p. 140).

Foucault aponta que o espaço disciplinar tende a se dividir em acordo com a quantidade de corpos sobre os quais é preciso agir, ou seja, quanto mais indivíduos, mais repartições. Como efeito disto, temos corpos perfeitamente individualizados em seus espaços de trabalho; evitam-se as aglomerações indesejadas, as brigas ou quaisquer desvios que possam prejudicar a produção; analisa-se cada movimento dos indivíduos e se lhes impõem

⁴ A prisão moderna é famosa por possuir no cerne de sua função o encarceramento. Michel Foucault percebe que outras instituições utilizam desse processo, mas com suas particularidades.

sanções. Estabelece-se por meio da organização do espaço um mecanismo de controle analítico sobre os corpos.

Foucault insiste que uma das primeiras providências do poder disciplinar é a definição de lugares, estruturas físicas, projetos arquiteturais que permitem não só vigiar e romper com os desvios, mas que criam também um espaço de divisão celular dos corpos. É notório que outras instituições gozam da utilização dessas técnicas geradoras de disciplina; nos hospitais marítimos citados pelo autor, em *Vigiar e Punir*, circulam diversas pessoas, cada uma com diferentes características e vivências. A organização dos espaços nesta instituição permite individualizar cada sujeito, e a partir disso, analisar seus enfermos, reparti-los de acordo com o tipo de sintoma, classificar as doenças, prevenir fugas, evitar roubos, etc. Assim, a repartição do espaço disciplinar se torna útil sob um ponto de vista médico e econômico, doravante convergentes no intento de fazer do hospital uma “máquina de cura”.

Nas fábricas “importa distribuir os indivíduos num espaço onde se possa isolá-los e localizá-los; mas também articular essa distribuição sobre um aparelho de produção que tem exigências próprias” (FOUCAULT, 2014, p. 142). Essa repartição permite medir cada operário de acordo com sua função na linha de produção. Assim, cada indivíduo espacialmente individualizado torna-se analisável: verifica-se se as metas são atingidas, verifica-se a qualidade, a agilidade e a eficiência de seu trabalho. A divisão do espaço, então, permite o controle individual da força de trabalho e a organização da linha de produção nas fábricas.

É útil também nas escolas. Foucault (2014) apresenta o exemplo da escola mútua. Nos colégios dos jesuítas os estudantes são organizados em classes com dez indivíduos cada, e repartidos em filas; cada um em sua mesa, e sob a vigia de um decurião, permitindo controle individual e ao mesmo tempo coletivo dos alunos. As classes são organizadas de maneira serial, onde o rendimento de cada aluno define o local onde ele se enquadra. A escola se organiza de maneira a funcionar como uma “máquina de ensinar”, que tem como base de funcionamento a vigilância, a hierarquia e a punição/recompensa.

Aos poucos, a pesquisa feita por Foucault vai revelando em *Vigiar e Punir* toda a evolução de técnicas que, ao enquadrar cada sujeito de maneira individual, irão constituir saberes sobre os indivíduos e, assim, organizá-los de modo a compor forças úteis, produtivas. Daí que a distribuição espacial dos corpos constitua uma forma de tornar “multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas” (FOUCAULT, 2014, p. 145). A esse enquadramento individual dos sujeitos Foucault tratará como a primeira das grandes

operações da disciplina, a constituição de “quadros vivos”; uma técnica de poder e, ao mesmo tempo, um meio de obter saberes sobre indivíduos.

Os registros estudados por Foucault revelam a repartição dos espaços disciplinares na “Época Clássica” que organizam os indivíduos e formam o que ele chama de “quadro”. O autor aponta que o quadro tem funções diferentes em diversos registros, sendo que “na ordem da economia, permite a medida das quantidades e a análise dos movimentos”, na taxinomia “tem por função caracterizar e constituir classes” (FOUCAULT, 2014, p.146). Já na forma da repartição disciplinar, que mais nos interessa saber neste capítulo, esta colocação em quadro tem por função organizar as multiplicidades e buscar extrair delas o máximo de efeitos que for possível.

Outros processos citados em *Vigiar e Punir* surgem em decorrência do enquadramento. Organizar o tempo é um destes processos. É uma maneira de se obter ainda mais controle sobre os corpos, ajustar o corpo a imperativos temporais, tornar mais eficiente a produção e constitui também um tempo integralmente útil.

Define-se uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. O ato é decomposto em seus elementos; é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão. O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder (FOUCAULT, 2014, p. 149).

A disciplina impõe uma série de gestos correlacionados ao tempo: não se deve perder nem um segundo, não há espaço para ociosidade, não há brincadeiras e nada que seja alheio ou paralelo à atividade que se deve cumprir. Cada minuto, perfeitamente preenchido com a atividade que se pede a um corpo, é a garantia de uma “melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e rapidez”. Segundo o filósofo francês é o “bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo” (FOUCAULT, 2014, p. 149).

Além disso, Foucault aponta que a disciplina busca correlacionar os gestos e movimentos do corpo, com os objetos aos quais os gestos são direcionados, ou seja, ela define quais os movimentos devem ser tomados em relação ao objeto que se manipula; qual elemento do corpo deve se direcionar a qual elemento do objeto, e o tempo que deve levar a execução de cada movimento. A disciplina, segundo Foucault, estabelece um elo coercitivo com o aparelho de produção, e faz isso buscando agir sobre a individualidade dos indivíduos para docilizá-los em suas mínimas operações, explorando ao máximo suas capacidades.

Este processo, que Foucault denomina princípio da “utilização exaustiva”, coloca o corpo sob uma relação de utilização máxima de suas aptidões decompondo o tempo com intuito de obter um rendimento ótimo em velocidade e produtividade. Busca-se “produzir” cada vez mais com o mínimo gasto de tempo, tirar de cada instante disponível o máximo de força útil.

Tantas operações se valem da mecânica do corpo e o eleva a um status de máquina. Porém, mais que uma máquina, o corpo é natural, orgânico e portador de processos próprios de seu funcionamento natural. Michel Foucault (2014) sustenta que o corpo tornado alvo de novos mecanismos de poder torna-se alvo de novos saberes também, e o corpo natural, que é sujeitado ao treinamento útil, por conta dessa mesma exploração apresenta em sua natureza limitações funcionais. Nestes processos, são descobertos novos saberes sobre o corpo, e aos poucos vão sendo descobertos seus processos e exigências orgânicas.

A decomposição do tempo em relação às ações do corpo eleva a capacidade de penetração da disciplina nos indivíduos. Esse controle das atividades corpóreas soma-se a outros rituais num movimento de aperfeiçoamento das técnicas disciplinares. Notemos que há particularidades entre as várias técnicas, mas no decorrer dos anos, essas técnicas vão se complementando, articulando-se, servindo umas como aparatos para a evolução de outras, formando uma aparelhagem que tende a tomar campos cada vez mais vastos no corpo social.

A organização dos espaços disciplinares permite a organização de sistemas de produção e, em seguida, a organização do tempo. A organização do tempo junto à organização do espaço permite ordenar etapas sucessivas de aprendizagem, expondo os corpos-objeto a saberes necessários para sua utilidade. Este último processo é denominado em *Vigiar e Punir* como “organização das gêneses”.

Foucault cita o sistema de formação de mestres operários de Gobelins. Neste exemplo ele apresenta como os sistemas de ensino do século XVIII passam a organizar os corpos a partir de uma hierarquização do tempo de aprendizado. Ou seja, determina-se o tempo em que certo conhecimento deve ser apreendido pelo indivíduo, ao fim deste período de tempo o indivíduo é avaliado e verifica-se se a meta foi atingida. A partir disso, são repartidas as classes, nas quais os que cumpriram as metas avançam para níveis superiores enquanto os outros permanecem em níveis inferiores.

Michel Foucault (2014) aponta que a Época Clássica tem entre seus importantes fenômenos, o desenvolvimento de técnicas que visam coordenar o tempo dos corpos e das forças, desenvolvendo então métodos de capitalizar o tempo. O que consiste em converter o movimento de passagem do tempo em lucro e/ou utilidade. Segundo Foucault, essa

capitalização do tempo se dá por quatro processos, que ele irá exemplificar citando a organização militar do século XVIII.

Primeiro define-se o tempo de formação e o período da prática (jamais se deve avançar para outra prática antes que a anterior seja concluída), deste modo o tempo é decomposto em sequências. Segundo; os movimentos são simplificados e organizados sob uma progressão crescente do nível de complexidade das práticas. Terceiro, medir ao fim do processo, por meio de exames, se o sujeito atingiu o nível desejado, se a aprendizagem equivale a dos outros sujeitos e assim diferenciar suas capacidades. Quarto, após estabelecer as diferenças por meio de exercícios comuns, impor exercícios específicos em acordo com as especificações obtidas de cada sujeito.

Observemos o trecho a seguir:

A colocação em “série” das atividades sucessivas permite todo um investimento da duração pelo poder: possibilidade de um controle detalhado e de uma intervenção pontual (de diferenciação, de correção, de castigo, de eliminação) a cada momento do tempo; possibilidade de caracterizar, portanto de utilizar indivíduos de acordo com o nível que têm nas séries que percorrem; possibilidade de acumular o tempo e a atividade, de encontrá-los totalizados e utilizáveis num resultado último, que é a capacidade total de um indivíduo. Recolhe-se a dispersão temporal para lucrar com isso e se conserva o domínio de uma duração que escapa. O poder se articula diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante sua utilização (FOUCAULT, 2014, p. 157).

O pensador francês apresenta como essa época realiza um investimento econômico sobre o tempo e organiza, por meio de uma cadeia serial e cumulativa, métodos de impor aos corpos aptidões individualmente definidas, mas doravante úteis coletivamente. Segundo o autor, a essa época podemos atribuir a criação de um tempo evolutivo em termos de progresso, do qual técnicas administrativas e econômicas manifestam um tempo social e cumulativo. A este respeito Foucault dirá que emergiram séries individuais, descoberta de uma evolução em termos de “gênese”. Ou seja, a organização do tempo e das séries de aprendizagem a partir do poder disciplinar permite a acumulação de saberes no tempo, resultando num processo de evolução de aparelhos institucionais.

No cerne dessa relação tempo-poder, Michel Foucault aponta que está o “exercício”. Segundo ele, o exercício é “a técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes, mas sempre graduadas” (FOUCAULT, 2014, p. 158). Recordando a história do exercício no ocidente, Foucault chega ao entendimento de que, no decorrer do tempo, o sentido do exercício passa a responder ao intuito de economizar o “tempo da vida”, acumula-lo de maneira útil e exercer poder sobre os corpos pela organização do tempo. Nas

palavras do autor, “O exercício transformado em elemento de uma tecnologia política do corpo e da duração, não culmina num mundo além; mas tende para uma sujeição que nunca terminou de se completar” (FOUCAULT, 2014, p. 159).

Aos poucos novas técnicas disciplinares mais complexas substituem técnicas mais antigas, e a disciplina caminha para produzir aparelhos cada vez mais eficientes. Foucault (2014) mostra ao leitor de sua obra como a tática da decúria, típica da infantaria que organiza os corpos do soldado em um corpo massivo, vai sendo diluída e substituída pelas filas, linhas e colunas. Esta nova organização possui articulações mais minuciosas e investe numa organização na qual múltiplas peças se deslocam em relação umas às outras com intuito de chegar a uma configuração e obter um resultado específico. Este resultado específico seria a composição de forças individuais em maquinarias institucionais. Tal aspecto da disciplina moderna é chamado pelo autor de “composição das forças”.

Algumas das razões para tal mudança, segundo o autor, podem ser econômicas, enquanto outras decorrem de inovações técnicas. A exemplo disso, explica que o surgimento do fuzil trouxe a exigência de uma maior mobilidade do soldado: devido a maior capacidade de alcance e precisão dessa arma, permite ao soldado explorar melhor sua capacidade ofensiva, ao mesmo tempo que o torna um alvo possível. Sendo assim, surge a exigência de corpos que possuam uma utilidade individual elevada ao máximo, mas que combinadas suas forças, componham um aparelho eficiente capaz de atender as mais diversas exigências.

As técnicas que fabricam o indivíduo útil agora tornam os corpos elementos de algo maior, ou seja, o corpo singular deve unir suas capacidades a outros corpos e compor uma maquinaria eficiente. Observando arquivos de instituições diferentes, Foucault aponta que o corpo singular se torna uma peça da qual se pode deslocar e articular com outros corpos, se constituindo então como peça de uma máquina produtiva.

Aponta também que diversas séries cronológicas se tornam peças das quais a disciplina busca obter combinações e formar um tempo composto. Utilizando a escola como exemplo, Foucault argumenta:

Do século XVII até a introdução, no começo do XIX, do método Lancaster, o mecanismo complexo da escola mútua se construirá uma engrenagem depois da outra: confiaram-se primeiro aos alunos mais velhos tarefas de simples fiscalização, depois de controle do trabalho, em seguida, de ensino; e então no fim das contas, todo o tempo de todos os alunos estava ocupado seja ensinando seja aprendendo. A escola se torna um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino (FOUCAULT, 2014, p. 163).

Para que toda essa combinação das forças tenha suas ações coordenadas, Foucault aponta que a Era Clássica cria técnicas de comando que otimizam o tempo institucional e promovem a pronta obediência. Trata-se da criação de todo um aparato de ordens, às quais o corpo obediente deve seguir sem questionamentos. Cada ordem deve provocar imediatamente o comportamento desejado. Deste modo, se estabelece previamente um código do qual os sujeitos devem captar os menores sinais e reagirem a eles o mais rápido possível a partir do momento que são emitidos por algum tipo de mestre. Em suma, estabelece-se um sistema de controle do comportamento dos indivíduos por meio de sinais que, ao tempo em que abreviam ordens, esperam obediência imediata.

Foucault (2014) aponta o modo pelo qual instituições como a escola e o exército usufruem desse conjunto de técnicas. Elas combinam por meio da “tática” as diferentes características individuais forjadas pela disciplina em cada sujeito, em um aparelho maior. Em outras palavras, busca-se fazer com que indivíduos trabalhem de maneira coletiva, combinando suas aptidões individuais em uma máquina coletiva coordenada. Vejamos a seguir:

[...] a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo de repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza “táticas” (FOUCAULT, 2014, p. 164).

O exército é uma das instituições mais antigas das quais Foucault se ocupou em analisar. Presente até nas sociedades mais antigas, se encontra como peça fundamental nas relações políticas entre Estados. Por um lado, é a arma que garante a um Estado ameaçar diferentes Estados, por outro é a arma que garante a um Estado se proteger das ameaças de outro. É o exército que, pela ameaça constante, pela possibilidade de destruição de nações, se apresenta como meio para os Estados buscarem acordos de paz, pois do contrário, entrariam em guerras sem fim, ocasionando na morte de milhões de indivíduos. Porém, há algo que chama mais a atenção de Foucault do que apenas a força advinda dessa instituição; o filósofo está interessado no modo com que tamanha força é composta na era clássica. Seu diagnóstico revela que essa força é formada pela disciplina, e tem seus exercícios coordenados pela utilização da tática.

A tática, segundo Foucault, era vista pelos teóricos do século XVIII como fundamento da prática militar. Dentre as instituições desta época, o exército era uma das que

melhor usufruía de técnicas disciplinares. Assim, no século XVIII, o exército passa a ser visto como exemplo do exercício perfeito, das tropas dóceis e úteis, da massa disciplinada, etc. Vejamos o trecho a seguir:

É possível que a guerra como estratégia seja a continuação da política. Mas não se deve esquecer que a “política” foi concebida como a continuação senão exata e diretamente da guerra, pelo menos do modelo militar como meio fundamental para prevenir o distúrbio civil. A política como, técnica da paz e da ordem internas, procurou pôr em funcionamento o dispositivo do exército perfeito, da massa disciplinada, da tropa dócil e útil, do regimento no acampamento e nos campos, na manobra e no exercício (FOUCAULT, 2014, p. 165).

Trazendo a ideia de política como uma “técnica da paz e da ordem interna”, o francês explicita que o exército (como exemplo do exercício perfeito, das tropas dóceis e úteis, da massa disciplinada, etc.) tem seu exercício almejado no século XVIII pela política como um meio de evitar a desordem civil. Assim, nos Estados dessa época, o exército aparece como uma garantia de paz civil, não apenas por ser uma força real capaz de ameaçar os cidadãos, mas também por possuir no centro de suas práticas um tipo de técnica e de saber disciplinar que pode ser projetado ao corpo social, garantindo a ordem social. Neste sentido, Foucault alega que do exército surge uma tática militar e política capaz de trazer aparatos para que o Estado possa exercer controle sob os corpos e suas forças.

É o sonho de uma sociedade perfeita, o que, segundo Foucault, historiadores, filósofos e juristas projetaram para o século XVIII. Mas destaca que existe também uma espécie de sonho militar da sociedade, pelo que não se pensa num contrato social, na vontade geral ou algo do tipo como referência para a ordem civil, mas nas coerções permanentes, nos treinamentos, na produção da docilidade. Deste modo, expõe que diferente dos juristas que buscavam um pacto para construção social, o exército e os especialistas da disciplina buscaram processos que geram coerção individual, coletiva ou institucional dos corpos.

Os diferentes aspectos expostos neste capítulo nos revelam então o propósito disciplinar presente no diagnóstico apresentado em *Vigiar e Punir*. Os processos para docilização de corpos vão ao longo do tempo construindo técnicas disciplinares voltadas a todo o corpo social. Os espaços físicos criados por instituições no século XVIII compõem um conjunto de estruturas que elevam o nível de organização e alcance dos processos disciplinadores de corpos. As novas demandas surgidas dos sistemas políticos e econômicos ocasionam a necessidade cada vez maior de se obter sujeitos docilizados e produtivos. Os espaços institucionais, atuando com as técnicas disciplinares, constituem uma maquinaria de produção em massa de corpos docilizados; verdadeiras fábricas de indivíduos úteis.

Em suma, trata-se de um processo contínuo de aperfeiçoamento de técnicas para tornar corpos obedientes e produtivos. Deste modo, a disciplina aparece como um conjunto de técnicas que atende a um ideal: o de uma sociedade disciplinar. Como efeito, a partir disso ela cria saberes úteis, que se sobrepõem uns aos outros servindo a diversos propósitos, inclusive à própria apuração das técnicas disciplinares⁵.

Em consonância com a visão foucaultiana do poder⁶, a disciplina não é um poder meramente repressivo; não se trata simplesmente de um poder que subtrai as forças dos sujeitos, mas trata-se de um poder produtivo, trata-se de um poder que analisa os sujeitos e busca utilizar as suas forças, e não as inutilizar pelo simples prazer de punir. Segundo Roberto Machado, “é este aspecto que explica o fato de que ele tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo (FOUCAULT, 2021, p. 20).⁷ As disciplinas, portanto, mais que reprimir o corpo, criam a subjetividade disciplinar, a docilidade útil, e um saber produtivo que lhe é correlato.

*

⁵ Posteriormente este aspecto será tratado como maior ênfase, quando o texto irá se dirigir de maneira mais direta à análise do Panóptico.

⁶ Foucault expõe que poder não se baseia apenas numa relação entre opressor e oprimido, mas sim numa noção de em que o poder funciona como uma rede produtiva. Em suas palavras, “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 2021, p. 45).

⁷ Citação extraída da introdução organizada por Roberto Machado na 11ª edição da obra *Microfísica do Poder* publicada pela editora Paz e Terra em 2021.

2 Os dispositivos disciplinares

No capítulo anterior pudemos constatar o modo como, segundo Foucault, a disciplina organizou seus processos em meados do século XVIII, criando diversas etapas coercitivas que culminam na docilização massiva de indivíduos. Veremos a seguir que estes processos não cessam sua evolução técnica no momento em que compõem suas forças produtivas. Na verdade, ao criar esta máquina multissegmentada, obtida da combinação das forças individuais dos sujeitos, a disciplina precisa criar dispositivos que possibilitem maior controle e maior eficiência em controlar.

Os estudos de Foucault apontam a criação de dispositivos capazes de tornar o poder disciplinar uma forma sutil de poder quando posta em comparação aos rituais extravagantes da soberania, porém, extremamente eficaz em suas diversas utilizações. Sendo assim, ao mesmo tempo veremos quais são esses dispositivos abordados por Foucault em sua obra, e quais suas funções na máquina produtiva criada a partir deste poder.

Foucault deixa claro que o poder disciplinar difere de outras formas de poder, esclarece que é um poder que visa mais produzir utilidades do que reduzir ou reprimir forças. Citando Walhausen, traz à tona a palavra “adestramento” como palavra chave para o entendimento do modo como a disciplina se apropria dos indivíduos. A disciplina adentra os sujeitos, ou seja, ela aplica-lhes um conhecimento, torna-lhes obedientes, faz deles corpos dóceis; torna suas individualidades úteis, e como uma peça de um quebra-cabeças que se encaixa perfeitamente a outras peças, combina suas utilidades dando origem a um organismo maior. Sendo assim, um indivíduo dócil é um indivíduo adestrado.

Conforme as palavras do autor, “a disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que torna indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. Como garantir sucesso no controle desses corpos-objeto? Foucault aponta que isto se dá por conta de três dispositivos: o “olhar hierárquico”, a “sanção normalizadora” e o “exame” (FOUCAULT, 2014 p. 167). Trataremos destes três dispositivos a seguir, a começar pelo “olhar hierárquico”.

*

O intenso evoluir dos aparelhos econômicos, a partir da segunda metade do século XVIII, passa a exigir a otimização das técnicas disciplinares e dos dispositivos de vigilância. Trata-se da utilização de dispositivos que permitam o controle em larga escala dos corpos

dentro de aparelhos disciplinares; uma forma de manter todos os sujeitos exatamente onde se deseja, e cumprindo perfeitamente a função que lhe cabe, sem desvios.

O primeiro dos dispositivos investigados pelo autor, a “vigilância hierárquica”, é um sistema que coloca todos os indivíduos sob um olhar que induz a efeitos de poder. Essa vigilância faz com que todos os envolvidos no aparelho disciplinar, até mesmo o vigia, mantenha-se em perfeita disciplina, pois é posto claramente à luz pelos meios coercitivos. Em outras palavras, a máquina coercitiva em primeiro lugar e de forma decisiva, volta seus olhos para aqueles que aplicam seu poder. Daí que organize seus espaços para que os corpos objetivados estejam sempre visíveis, sempre à mercê do olhar disciplinar.

Foucault apresenta que estes “observatórios da multiplicidade humana”, como ele mesmo diz, vão sendo construídos no decorrer da Época Clássica. Entre os exemplos citados, o acampamento militar é posto como modelo ideal. A descrição desse modelo de acampamento revela uma arquitetura que organiza os indivíduos de maneira que cada sujeito está a luz do olhar de alguém. Nas palavras do autor:

No acampamento perfeito, todo o poder seria exercido somente pelo jogo de uma vigilância exata; e cada olhar seria uma peça no funcionamento global do poder. O velho e tradicional plano quadrado foi consideravelmente afinado de acordo com inúmeros esquemas. Define-se exatamente a geometria das aleias, o número e a distribuição das tendas, a orientação de suas entradas, a disposição das filas e das colunas; desenha-se a rede dos olhares que se controlam uns aos outros (FOUCAULT, 2014, p. 168).

O autor observa que o princípio que rege o acampamento militar, “o encaixamento espacial das vigilâncias hierarquizadas”, se encontra em diversas instituições, como hospitais, asilos, prisões, escolas, etc. Ou seja, não se trata de um dispositivo de uso restrito do exercício militar, as vigilâncias hierarquizadas tendem a se expandir pelo corpo social.

A arquitetura ganha um papel de destaque na organização dos olhares vigilantes, não é mais feita simplesmente para ser vista, nem mesmo somente para vigiar espaços exteriores como era feito nas fortalezas, cujas estruturas eram concebidas para evitar invasões. A arquitetura ganha um novo papel, passa a ser feita para cumprir o propósito disciplinar, aparece como ferramenta que permite a vigilância interna, cria espaços detalhados, permite agir sobre o comportamento dos indivíduos inseridos em seus espaços, dá aparatos para o exercício da vigilância que catalisa a produção nas diversas instituições por meio de sua repartição hierárquica.

Também nos hospitais os edifícios são construídos para atender a tal propósito. Os leitos são organizados de maneira a evitar contágios entre pacientes pela separação de cada

doente, e mais que isso, permitir que os pacientes estejam num campo visível, tornando possível uma melhor coordenação da ação médica e fazendo da própria estrutura física deste espaço um operador terapêutico.

Assim como nos hospitais, as escolas têm seu espaço físico tornado um operador disciplinar: adestrar e fazer funcionar uma máquina pedagógica. A partir de documentos que apresentam o funcionamento de escolas militares em Paris, Foucault demonstra que a “escola-edifício” organiza sua estrutura física para vigiar. As salas eram repartidas ao longo de um corredor, possuíam vidraças que permitiam olhar para seu interior e mesmo as latrinas eram concebidas para que os oficiais vigiassem cada aluno sem que estes os notassem. O princípio do encarceramento dos indivíduos e do quadriculamento de seus comportamentos se torna cada vez mais complexo, mais detalhado. Com base nisto, Foucault afirma:

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, registro e de treinamento (FOUCAULT, 2014, p. 170).

Portanto, na segunda metade do século XVIII as instituições investiram numa arquitetura que possui função específica: produzir efeitos de poder sobre aqueles que abriga⁸. Porém, outro sistema se destaca por sua função disciplinar, não como uma das grandes invenções da época, mas uma das técnicas mais extensivas devido a mecânica de poder envolta em sua ação. O sistema piramidal das hierarquias se torna necessário à medida que ocorre o aumento da complexidade dos sistemas de produção, aumento das divisões de trabalho e quantidade de operários. Atende a duas exigências segundo Foucault: cria uma rede sem lacunas que multiplica seus degraus espalhando-os por todo o espaço produtivo, mas de maneira sutil, ou seja, não pesa sobre a atividade que se deseja disciplinar. Ela se torna parte do dispositivo produtivo com um propósito que possibilita aumentar a gama de efeitos gerados por tal dispositivo sobre os sujeitos abrigados.

Na produção das fábricas, as hierarquias aparecem em substituição ao antigo sistema no qual o mestre estabelece controle doméstico sobre os operários. Aqui, as funções são divididas, o controle se torna intenso e contínuo ao longo do processo de produção, passa a ser exercido através de fiscais, contramestres e controladores. Além disso, criam-se novas exigências técnicas. À medida que se produz mais, precisa-se vigiar melhor, portanto, a

⁸ Foucault faz menção também às grandes construções edificadas em círculo, que produz um ponto no qual toda a vigilância se centraliza, e pontos para os quais todos os olhares se convergem. O assunto ganhará destaque no próximo capítulo deste estudo monográfico.

atribuição das vigilâncias hierárquicas aos sistemas produtivos busca sujeitos cada vez mais especializados em suas funções, agindo sobre seus comportamentos e seu conhecimento técnico. Por fim, torna a vigilância uma função definida e a integrada como parte do sistema de produção, sua função produção é otimizá-la. Nas palavras do autor, “a vigilância se torna um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica de poder disciplinar” (FOUCAULT, 2014, p. 172).

Nos sistemas de escola mútua que filósofo francês cita em *Vigiar e Punir*, fica clara a disposição das hierarquias. Assim como nas fábricas, a função pedagógica fica cada vez mais complexa. Com o aumento da quantidade de alunos, aumenta-se as pilhagens, a desordem. A hierarquia das vigilâncias aparece para aplicar controle a essas relações. Vejamos o trecho a seguir:

Ora, algumas dezenas de anos mais tarde, Demia volta a uma hierarquia do mesmo tipo, mas as funções de fiscalização agora são quase todas duplicadas por um papel pedagógico: um submestre ensina a segurar a pena, guia a mão, corrige os erros e ao mesmo tempo “marca as faltas quando se discute”; outro submestre tem as mesmas tarefas na classe de leitura; o intendente que controla os outros oficiais e zela pelo comportamento geral é também encarregado de “adequar os recém-chegados aos exercícios da escola”; os decuriões fazem recitar as lições e “marcam” os que não as sabem (FOUCAULT, 2014, p. 173).

A hierarquia se apresenta como um sistema que liga o poder disciplinar à máquina produtiva. Nesse sentido, não importa apenas fazer imposições, punir por punir, mas fazer produzir, cada vez mais e melhor. Foucault esclarece que os sistemas hierárquicos se espalham sobre o espaço como uma teia de relações que dão sustentação a um conjunto de poder. Ou seja, os efeitos de poder perpassam por todos, tornando-se auto sustentável na medida em que, cada um que tem por função vigiar, possui um superior que também o vigia.

Trata-se de uma rede de fiscalização que funciona como uma máquina, produz fiscais que ao mesmo tempo são fiscalizados. Logo, o poder não se detém numa figura ou ponto central, o poder perpassa todos os âmbitos nessa maquinaria. Daí que Foucault diagnostica que não há alguém, ou um ápice que impulsionasse o poder nos sistemas hierárquicos postos em ação nos aparelhos disciplinares. No texto *O olho do poder*, presente em *Microfísica do poder*, o francês explica em uma fala esclarecedora que “O ápice e os elementos inferiores da hierarquia estão em uma relação de apoio e de condicionamento recíprocos; eles se ‘sustentam’” (FOUCAULT, 2021, p. 335).

Porém, somente a vigilância não se faz suficiente para criar indivíduos “perfeitamente adestrados”. A disciplina cria outros dispositivos que, funcionando em

conjunto com os esquemas das hierarquias, tornam seus efeitos cada vez mais complexos e eficientes. Um dispositivo penal se torna necessário, mas não um dispositivo comum, este sistema aplica punições que se convertem na produção de saberes e de indivíduos docilizados. Foucault chamou esse sistema de “sanção normalizadora”. Afirma o autor:

Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma “infrapenalidade”, quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis, qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença (FOUCAULT, 2014, p. 175).

Foucault observou em regulamentos de diversas instituições a presença destes dispositivos penais. Eles estão nas escolas, hospitais, fábricas, entre outras instituições. Segundo o autor, nestas instituições há o funcionamento de uma “micropenalidade” que reprimi se direcionando ao tempo dos indivíduos, à sua atividade, à sua maneira de ser, aos seus discursos, ao seu corpo, à sua sexualidade. Deste modo cria novos processos de punição, com sistemas mais sutis que podem variar da punição física leve até pequenas humilhações.

Tais dispositivos elevaram a punição aos mínimos detalhes, buscando punir as frações mais particulares da conduta dos sujeitos, buscando tudo aquilo que os façam se perceberem faltosos, desviantes. Em outras palavras, esse dispositivo se aproveita de tudo o que possa servir para punir, busca cada mínimo detalhe para colocar os indivíduos numa situação que se saibam estar sempre passíveis de serem punidos. Nas palavras do autor, “a penalidade disciplinar é a inobservância, tudo que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios” (FOUCAULT, 2014, p. 176).

Isto compõe uma das mudanças mais essenciais destacadas pelo autor em *Vigiar e Punir*, a oposição que a disciplina faz ao sistema de punição violenta dos suplícios do século XVII. Acerca disso, Edgardo Castro afirma que essa mudança importante se dá “pela desaparecimento do espetáculo punitivo, pois a pena vai se deslocar da intensidade visível do sofrimento à consciência abstrata da certeza de ser castigado, e uma modificação maior na finalidade explícita do sistema judicial que, em lugar de castigar, agora diz que busca corrigir e curar” (CASTRO, 2015, p. 66).

Diferentemente dos violentos suplícios, a punição disciplinar se destaca por colocar o indivíduo numa relação produtiva, ela é aplicada àquele que não cumpre sua meta, ou que não se encaixe na norma estabelecida. O soldado comete uma “falta” quando não alcança o nível estipulado, o escolar comete uma “falta” quando não demonstra o conhecimento necessário

para cumprir suas tarefas. Segundo o autor, o castigo disciplinar possui uma dupla característica: faz respeitar uma ordem artificial na medida em que se coloca de maneira explícita, exposta em regulamentos, leis; faz respeitar também uma ordem natural, na medida em que considera processos naturais observáveis, como o tempo de aprendizado, o tempo de exercício. Ou seja, aplica suas regras e define suas ordens a partir das capacidades naturais dos sujeitos também, porém visando aumentar e utilizar tais capacidades.

Assim, nenhum estudante avança para outra classe sem comprovar ter internalizado os ensinamentos expostos na classe na qual está inserido, do contrário não aprenderia os novos ensinamentos aplicados nos níveis superiores. Ao mesmo tempo, se não demonstra ter aprendido no período estipulado por regulamento, é apontado como ignorante. Este dispositivo penal se direciona a tudo aquilo que foge à regra e aplica suas penas e sanções visando a correção dos desvios, portanto, é corretivo, adestra, produz utilidades.

Segundo Foucault, a punição em sistemas disciplinares possui como característica o exercício. Os regulamentos analisados pelo autor revelam seu modo de operação: aquele que comete uma falta é obrigado a exercita-se repetidamente até que ela seja corrigida; se não corrigi em tempo hábil é rebaixado a um nível ou classe inferior. Este indivíduo somente subirá de nível novamente quando cumprir suas tarefas sem desvios. Nas palavras do autor, “castigar é exercitar”.

O dispositivo exposto opera nos processos de correção e treinamento a partir de um sistema de “sanção-gratificação”. Foucault aponta que

Este mecanismo de dois elementos permite um certo número de operações características da penalidade disciplinar. Em primeiro lugar, a qualificação dos comportamentos e dos desempenhos a partir de dois valores opostos do bem e do mal: em vez da simples separação do proibido, como é feito pela justiça penal, temos uma distribuição entre o polo positivo e polo negativo; todo o comportamento cai no campo das boas e das más notas, dos bons e dos maus pontos (FOUCAULT, 2014, p. 177).

Os regulamentos analisados pelo francês revelam um sistema que privilegia aquilo que é tomado como boa conduta e pune aquilo que é considerado como má conduta. Ocorre uma hierarquização dos bons e maus indivíduos, que os distribui baseando-se num sistema de pontos. Ou seja, “os bons” são aqueles que possuem mais pontos, enquanto “os maus” são aqueles que obtêm menos pontos. Assim, os bons avançam para os níveis mais altos, enquanto que os maus regridem aos mais baixos.

O autor aponta que tal sistema toma o sujeito para si, ou seja, abriga o sujeito em suas estruturas e o torna peça constituinte do aparelho de disciplina. Ao mesmo tempo, coloca

o indivíduo sobre um campo avaliativo que faz operar uma diferenciação, não apenas a respeito de seus atos, mas da sua natureza, suas condutas, suas virtudes, seu valor. Tamaña diferenciação ocorre por meio do que Foucault denomina “microeconomia de uma penalidade perpétua” (FOUCAULT, 2014, p.178) que, uma vez aplicada sobre os corpos, define quais comportamentos são bons ou maus em virtude de um objetivo determinado. É por meio deste mecanismo de sanção e gratificação que a disciplina faz de suas penalidades parte do processo de conhecimento dos sujeitos.

Trata-se de um sistema de classificação que inclui em sua própria operação a recompensa e a punição. A divisão dentro de tal sistema é feita para atender a essa operação. Ela marca os desvios, hierarquiza as qualidades, as competências, as aptidões, e, ao mesmo tempo, pune e gratifica. Foucault apresenta como as instituições puseram tamanho esquema em prática. O exército criou esquemas de classificações honoríficas nos quais os sujeitos têm suas qualidades morais e seus “comportamentos universalmente reconhecíveis” objetivados por meio de relatórios constantes. Cada classe criada possui seus privilégios e sanções definidos de modo a se distinguir níveis de aptidão. As classes mais altas são caracterizadas por possuírem os melhores soldados, mais honrados, possuem punições mais brandas e leves. Quanto menor a classe, menor é a honra atribuída, e mais grave a punição. Este período da história revela a criação de um sistema meritocrático.

Como só o mérito e o comportamento devem decidir sobre o lugar do aluno, “os das últimas classes poderão se orgulhar de subir às primeiras e usar suas marcas, quando por testemunhos universais, se reconhecerá que se tornaram dignos disso pela mudança de seu comportamento e seus regressos; e os das primeiras classes também descerão para as outras se relaxarem e se os relatórios reunidos e desvantajosos mostrarem que não merecem mais as atribuições e prerrogativas das primeiras classes [...] (FOUCAULT, 2014, p. 179).

O pensador francês traz à tona o efeito gerado por este grande sistema de penalização e hierarquização formado em meados da segunda metade do século XVIII. A disciplina classifica os indivíduos em conformidade com o uso que se pode fazer deles ao saírem de determinadas instituições disciplinares. Segundo Foucault, a disciplina exerce uma constante pressão sobre os indivíduos para forçá-los a se adequarem a um mesmo comportamento, a um mesmo modelo. Assim, se os aparelhos disciplinares forem bem-sucedidos em seus propósitos, todos se alienam à lógica da disciplina, da docilidade, da obediência, da atenção aos estudos, da correta postura. A disciplina define uma regra a ser seguida, ela organiza seus dispositivos de maneira a fazer com que todos os indivíduos se tornem parecidos uns com os outros.

É a regra definida a partir da medida de valor dos comportamentos que caracteriza a diferença, cria as classes honrosas e as classes vergonhosas, enfim, permite definir a fronteira entre o normal e o anormal. Foucault afirma que “a penalidade que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 2014, p. 179). Eis o surgimento do poder da norma. Edgardo Castro ainda afirma que a norma diagnosticada por Foucault faz comparações de modo a adequar os indivíduos àquilo que se visa como ótimo. Portanto, “para estabelecer esse padrão de referência, não serve de códigos, mas de saberes, e finalmente, não busca separar uns dos outros, mas adequar e homogeneizar” (CASTRO, 2015, p. 71).

Os mecanismos de sanção normalizadora surgem a partir do século XVIII de modo a estabelecer a norma como princípio de coerção em diversas instituições. Assim a norma serve para estabelecer um tipo de regulamentação que foi grande objeto de poder na Era Clássica. O autor aponta que, em certo sentido, a norma dá sinais de uma possível homogeneização na medida em que é acrescido “um conjunto de graus de normalidade” (FOUCAULT, 2014, p. 180) às marcas que significavam status e privilégios. Mas esclarece que, em contrapartida, a norma classifica, hierarquiza e distribui lugares, algo que reacomoda as hierarquias e privilégios em sociedades igualitárias evidencia a individualidade. Em suma, mesmo que em um sentido a norma leve à homogeneização, ela também individualiza e atribui utilidade às diferenças individuais ajustando-as umas às outras fazendo girar as engrenagens de um aparelho muito maior.

Percebe-se que o olhar hierárquico em conjunto com a sanção que normaliza são dispositivos que se complementam em suas funções e tornam a máquina disciplinar cada vez mais precisa em seu objetivo.

Um terceiro dispositivo surge para completar essa função: o exame. Segundo o autor, o exame “combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir” (FOUCAULT, 2014, p. 181). Aqui se pode notar um dispositivo que tem seu investimento político em um nível diferente, segundo Foucault, é um investimento político no nível do que torna possível um saber.

Foucault nota que, no decorrer dos anos, a função de examinar dada ao médico se torna algo cada vez mais importante. Aquele que por volta dos anos 1600 fazia poucas visitas aos seus pacientes, já por volta de 1700 passa a examinar de maneira contínua cada um deles. Não se trata de apenas cuidar da saúde com mais dedicação. O exame contínuo permite

constituir e aperfeiçoar o saber médico. Deste modo, o autor aborda que o hospital, para além de uma instituição que visa curar os enfermos, se torna local de pesquisa e aperfeiçoamento de seu próprio saber. Em outras palavras, o hospital se torna um local onde as relações de poder são agentes constituintes de um saber específico.

O autor sustenta que poder e saber estão imbricados. Sendo assim, o diagnóstico realizado pelo francês aponta que o exercício do poder implica na criação de objetos de saber, assim como o saber traz consigo efeitos de poder. O poder disciplinar a todo tempo põe a relação saber-poder em prática, e o modo como instituições como a escola e o hospital constroem seu saber a partir da organização de seus dispositivos de poder são prova dessa articulação entre saber e poder.⁹

Na escola, o exame permite não apenas medir o nível dos alunos e aplicar sanções, ele se instaura nessa instituição como um fator incisivo na constituição do ensino. Segundo o autor francês, a escola se torna um “aparelho de exame ininterrupto”. Os corpos inseridos nessa instituição estão submetidos a exames contínuos, que além de expô-los a algum ensinamento, também gera uma gama de conhecimentos sobre os próprios. Ou seja, nesta relação de poder, o mestre não somente expõe seus conhecimentos, mas levanta, por meio dos dados obtidos de exames, uma série de conhecimentos acerca de seus alunos. A respeito disto, Salma Tannus Muchail (2004, p. 69) afirma como o poder diagnosticado por Foucault possui um caráter epistemológico no qual os saberes que produz são concebidos “duplamente”: “quer extraíndo saber dos indivíduos, quer elaborando saber sobre os indivíduos”.

Assim como o hospital, a escola se torna um laboratório capaz de permitir o aperfeiçoamento da arte de ensinar. Em suma, o exame funciona na escola como fator que promove o levantar de uma gama de saberes a respeito do próprio exercício de ensinar por meio de seus relatórios constantes que possibilitam medir a eficácia dos métodos de ensino. Assim, faz a escola atuar como agente de seu próprio aperfeiçoamento pedagógico. Temos então o exame como um dispositivo que permite a constituição de um saber que é ligado a uma espécie específica de exercício de poder.

No exercício do exame ocorrem três operações. Primeiramente, o exame faz a inversão da “economia da visibilidade no exercício do poder” (FOUCAULT, 2014, p. 183). Foucault registra que a evolução dos mecanismos disciplinares gerou uma mudança na

⁹ Em *Microfísica do Poder*, Foucault faz declarações acerca da relação entre poder e saber. Em um dos textos presentes na obra afirma: “O humanismo moderno se engana, assim, ao estabelecer a separação entre saber e poder. Eles estão integrados, e não se trata de sonhar com um momento em que o saber não dependeria mais do poder, o que seria uma maneira de reproduzir, de forma utópica, o mesmo humanismo. Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder” (FOUCAULT, 2021, p. 231).

própria visibilidade do exercício do poder. Sustenta que inicialmente o poder era exercido em local público à luz daqueles a quem se direcionava. Portanto, o poder é algo que se manifesta, que se exhibe, é extravagante. A exemplo, descreve os rituais tradicionais e altamente codificados da soberania, cujo traço ostensivo exhibe de forma estratégica o soberano como o centro e a expressão máxima do poder de vida e de morte.

Note-se que aqui os súditos não são o que se deve ver, mas sim o soberano, ele é a própria manifestação do poder. Sendo assim, conforme o autor sustenta em *Vigiar e Punir* e nos textos que compõem *Microfísica do Poder*, o poder neste contexto se exerce essencialmente a partir de uma relação soberano-súdito. A nova mecânica do poder traga pela disciplina a partir de seu surgimento na Era Clássica é que vai gerar mudanças na forma do exercício de poder. A disciplina, em oposição à relação de soberania, é um tipo de poder que “supõe mais um sistema minucioso de coerções materiais do que a existência física de um soberano” (FOUCAULT, 2021, p. 191).

É neste ponto que o exame acarreta tal inversão do eixo da visibilidade no exercício do poder. Neste dispositivo disciplinar não é o poder que está posto à luz, mas os corpos sobre quais o poder se exerce. Foucault aponta que o poder disciplinar tende a se tornar cada vez mais invisível, e seu sucesso se dá ao passo que impõe o princípio de visibilidade aos corpos que submete. Em outras palavras, o exame abriga os corpos em um mecanismo de objetivação, tornando-se assim, a cerimônia da objetivação disciplinar. Em suma, o autor traz à tona que tal inversão feita pelo exercício do poder disciplinar culmina em uma nova era “a era do exame interminável e da objetivação limitadora” (FOUCAULT, 2014, p. 185).

Em segundo lugar, o exame coloca a individualidade em um campo documentário. Foucault demonstra que o dispositivo coloca em prática técnicas de registro e coleta de dados. Em suma, o exame fornece ao poder disciplinar técnicas que permitem documentar todo o saber que o próprio exame permite extrair dos corpos objetos através da vigilância. Nas palavras do filósofo:

O exame que coloca os indivíduos num campo de vigilância os situa igualmente numa rede de anotações escritas; compromete-os em toda uma quantidade de documentos que os captam e os fixam. Os procedimentos de exame são acompanhados imediatamente de um sistema de registro intenso e de acumulação documentária. Um “poder de escrita” é constituído como uma peça essencial nas engrenagens da disciplina (FOUCAULT, 2014, p. 185).

Foucault apresenta que as técnicas de documentação específicas do exame trazem consigo algumas inovações, algumas referentes à identificação, assimilação e descrição. Tais técnicas oferecem aparatos para que instituições possam individualizar melhor cada sujeito,

obter informações importantes acerca de seu comportamento, suas aptidões, suas fragilidades. Tudo isso de maneira facilitada, disponível em um banco de dados. O exame permite, por meio da escrita, formalizar as individualidades disciplinares dentro das relações de poder.

A acumulação desses dados documentados permite ao poder disciplinar estabelecer comparações entre os indivíduos, classificá-los, categorizá-los, fixar normas. O poder de escrita advindo do exame coloca os sujeitos em um campo descritível, permite analisar cada operação do corpo, mas não para simplesmente especificá-lo, mas sim mantê-lo sob o controle de um saber contínuo que visa manter viva sua singularidade, visa aumentar suas aptidões individuais. Em contrapartida, o autor explica que tal “sistema comparativo” permite também medir fenômenos globais, descrever grupos, estimar os desvios.

Foucault atribui grande importância a tais técnicas, afinal, ao estudar o problema do indivíduo no campo do saber, ele próprio teve de verificar os arquivos gerados a partir deste poder de escrita. Em suma, o exame acarreta uma coleta de dados que além de fazer aplicar poder sobre os indivíduos, permite fazer sua própria história enquanto sujeito/objeto do aparelho disciplinar.

Em terceiro e último lugar, a partir de toda essa técnica documentária, o exame considera cada indivíduo “um caso”. Foucault aponta que o indivíduo em sua própria individualidade, em sua possibilidade de ser descrito, medido, posto em comparação com outros, etc., é tido como um caso individuado.

Nesta relação, a biografia de um sujeito não é mais um privilégio, não mais uma descrição da honra e dos feitos martirizantes de um sujeito, não mais um ritual de poderio. A disciplina examina cada sujeito, acompanha seu desenvolvimento desde muito cedo por meio de seus dispositivos, cria sua biografia por meio dos processos de escrita e documentação e converte todos os dados extraídos de seu acompanhamento em utilidade. Cada caso, nada mais é do que uma peça, um objeto dentro da máquina disciplinar. A descritibilidade dentro do poder disciplinar é a descritibilidade do enquadramento, da comparação, da qualificação ou do índice de eficiência segundo os saberes que se extrai da vigilância individual. Descrever, do ponto de vista da disciplina, é um processo de objetificação.

Deste modo Foucault esclarece:

O exame como fixação ao mesmo tempo ritual e “científica” das diferenças individuais, como oposição de cada um à sua própria singularidade (em oposição à cerimônia onde se manifestam os status, os nascimentos, os privilégios, as funções, com todo o brilho de suas marcas) indica bem a aparição de uma nova modalidade de poder em que cada um recebe como status sua própria individualidade, e onde está estatualmente ligado aos traços, às medidas, aos desvios, às “notas” que o

caracterizam e fazem dele, de qualquer modo, um “caso” (FOUCAULT, 2014, p. 187).

Temos então o exame: um dos processos centrais que atuam na constituição do indivíduo como efeito e objeto de poder, também como efeito e objeto de saber. Devido à combinação da vigilância hierárquica e da sanção normalizadora, este dispositivo atua no cerne das grandes operações de repartição, extração das forças e combinação das aptidões. O exame, então, é um ponto central nas operações que forjam o indivíduo disciplinar. Segundo o autor, é ele que ritualiza as disciplinas que tomam a diferença individual como algo pertinente para sua modalidade de poder.

Michel Foucault não só traz à tona a história das instituições disciplinares, ele analisa como a relação de poder gerada através destas instituições forjam o indivíduo moderno. Apresenta como o poder disciplinar cria novos rituais, mais discretos, mais perspicazes, e como esse mesmo poder modifica toda uma estrutura de punição e torna o poder essencialmente produtivo.

O poder disciplinar de que Foucault fala inverte o eixo da individualidade, ele não produz uma “individualização ascendente”, mas “descendente”. Não mais o poderoso se encontra no centro da individualização, não mais o poder é ascendido à visibilidade de todos. Segundo o autor, na disciplina, quem se encontra no centro da individualização são aqueles aos quais o poder se direciona, ou seja, o poder passa a ser menos visível e impõe visibilidade aos corpos. A individualização disciplinar se dá por fiscalizações, não por cerimônias, se dá por medidas comparativas referenciadas na norma, e não em genealogias referenciadas em determinada ancestralidade.

Foucault aponta que no sistema disciplinar há indivíduos que são mais individualizados que outros; crianças, doentes, loucos e delinquentes são mais individualizados que o sujeito são, que o adulto, que o indivíduo normal. Nas palavras do autor francês:

Todas as ciências, análises ou práticas com o radical “psico”, têm seu lugar nessa troca histórica dos processos de individualização. O momento em que passamos de mecanismos histórico-rituais de formação da individualidade a mecanismos científico-disciplinares, em que o normal tomou o lugar do ancestral, e a medida o lugar do status, substituindo assim a individualidade do homem memorável pela do homem calculável (FOUCAULT, 2014, p.189).

É este o trunfo do século XVIII deixado de lado em grande parte dos livros de história, mas posto em evidência por Foucault em *Vigiar e Punir*: o relato da individualidade que passa do épico ao discreto, o relato de um poder que não somente extrai, que não somente

toma para si, mas que produz. O autor expõe um poder que produz um tipo específico de individualidade, uma individualidade que permite idealizar um modelo de sociedade que tem a disciplina como correlata.

Em um dos textos registrados na obra *Microfísica do Poder*, Foucault deixa claro que “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2021, p. 45). O indivíduo disciplinar é uma realidade fabricada por este poder. Foucault traz à tona um poder que não pode ser tratado apenas sob aspectos negativos (excludente, repressor); o poder disciplinar é um poder que produz realidade, produz um indivíduo real e o conhecimento que se pode extrair dele pelo próprio exercício desse poder.

Os dispositivos de sanção normalizadora, vigilância hierárquica e exame são agentes decisivos na evolução da maquinaria disciplinar, permitindo ao poder disciplinar avançar cada vez mais pelo corpo social. Mas, o poder disciplinar teria sua evolução cessada no desenvolvimento destes dispositivos? *Vigiar e Punir* nos mostra que destes dispositivos algo ainda mais surpreendente viria à tona na “Era Clássica”. É isto que será assunto para o próximo capítulo.

*

3 Panoptismo

Nos capítulos anteriores constatamos, através da leitura de Michel Foucault, como os rituais de poderio e punição no decorrer dos séculos XVII e XVIII passam por uma mudança crucial: da extravagância dos rituais do poder soberano ao adestramento dos indivíduos em função da utilidade e da docilidade. Vimos como a Época Clássica é marcada pela ascensão de um poder que atua de maneira sutil, que não se manifesta por rituais extravagantes, que não se exibi de modo a se tornar o centro das atenções. Esta época é marcada pela ascensão do poder disciplinar nas sociedades.

Ao analisar os regulamentos que previam as ações a serem tomadas ao se declarar peste numa cidade no fim do século XVII, Foucault explicita a disciplina presente em tais medidas. O que se tinha era uma cidade totalmente fechada, na qual os moradores eram obrigados a se isolarem sob quarentena em suas casas. Todo um esquema de vigilância hierarquizada se instaura neste local e se torna garantia da ordem, tanto da população doente, quanto dos oficiais que fazem operar as ações sanitárias. Em virtude de tais práticas, as pessoas devem se manter trancadas em suas casas sob a vigilância de oficiais que fazem visitas diárias, anotam tudo o que observam e transmitem a seus intendentess; os oficiais devem cumprir sem desvios as suas funções, pois estão passíveis de ser punidos com a morte pelos seus superiores na relação hierárquica estabelecida. Da mesma forma, os cidadãos devem obedecer a ordem. Se não obedecem podem ser mortos pelos oficiais ou pelo próprio contágio da doença.

A vigilância, nesta situação, permite averiguar de maneira individual o estado de cada sujeito perfeitamente isolado em sua casa. Unindo-se a todo um sistema de registro, tal vigilância possibilita levantar uma rede de dados acerca dos indivíduos: quantidade de pessoas presentes na zona enquadrada, o sexo de cada um, idade, sintomas, quantidade de vivos, quantidade de mortos, etc. Estes dados circulam entre os oficiais que fazem operar as ações médicas no local. Segundo o autor, “o registro do patológico deve ser constante e centralizado”, de tal modo que “a relação de cada um com sua doença e sua morte passa pelas instâncias do poder, pelo registro que delas é feito, pelas decisões que elas tomam” (FOUCAULT, 2014, p. 191).

Temos na cidade pestilenta um modelo compacto do dispositivo disciplinar em atividade. A penetração das regulamentações nos mínimos detalhes da existência por meio de hierarquias que realizam o funcionamento do poder, a diferenciação, a qualificação e o quadriculamento individualizante entram em vigor nesta relação. A ordem que responde à

peste tem por função evitar o contágio da doença que ocorre à medida em que as pessoas se misturam, a peste é a forma imaginária da desordem à qual os esquemas disciplinares visam pôr fim, segundo o autor. Tal desordem, ao mesmo tempo real e também imaginária, configura o sonho político por trás da peste: o sonho de uma sociedade regulamentada, em que o poder afirma com verdade quem é cada sujeito, seu lugar, sua doença, o que fazer com ele. É por esta relação que ele afirma que a peste possui a disciplina como seu correlato médico e político.

Foucault discorre que a lepra suscitou esquemas de exclusão. O leproso era alguém que deveria ser exilado, alvo de práticas que o exclui, que o toma como algo que não se deve dar importância em diferenciar. Porém o pestilento é alvo de diferenciações individuais operadas por um poder expansivo, articulado e subdividido. De um lado, a lepra com a marcação, a exclusão do indivíduo e o sonho de uma sociedade pura. Do outro, a peste com suas análises, intensificação de esquemas disciplinares e o sonho de uma sociedade disciplinada. Nas palavras do autor:

A cidade pestilenta atravessada inteira pela hierarquia, pela vigilância, pelo olhar, pela documentação, a cidade imobilizada no funcionamento de um poder extensivo que age de maneira diversa sobre todos os corpos individuais – é a utopia da cidade perfeitamente governada (FOUCAULT, 2014, p. 193).

Foucault afirma que a lepra como pano de fundo para esquemas de exclusão e a peste como pano de fundo para esquemas de disciplina configuram esquemas diferentes, mas não incompatíveis. Segundo o filósofo, lentamente estes dois esquemas vão se aproximando. No século XIX as técnicas do quadriculamento disciplinar passam a ser aplicadas não somente aos sujeitos representados pela figura do pestilento, mas também àqueles que eram vistos como leproso.

O surgimento de novas instituições como a penitenciária, o asilo psiquiátrico, a casa de correção, entre outras, fazem operar sobre os corpos métodos de repartição analítica do poder. Segundo o autor, as instituições passam a aplicar um controle que funciona sob um duplo modo: “o da divisão binária e da marcação (louco-não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo; como reconhecê-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante, etc.)” (FOUCAULT, 2014, p. 193). Assim, o poder disciplinar impõe suas técnicas individualizantes aos excluídos. Ao mesmo tempo, as técnicas que excluem permitem marcar cada sujeito e distinguir quem é o “leproso”. Logo, permite funcionar esquemas dualistas de exclusão contra estes indivíduos.

Neste ponto, Foucault nos mostra que a diferenciação entre o normal e o anormal se torna princípio importante das relações de poder emergidas a partir do século XIX. Nas palavras de Foucault: “Todos os mecanismos de poder, ainda em nossos dias, são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo como para modificá-lo, compõem essas duas formas de que longinquamente derivam” (FOUCAULT, 2014, p. 194).

Veremos a seguir, que um dispositivo se destaca em meio a essas relações explicitadas pelo autor francês. Um dispositivo que combina as funções de todos os outros dispositivos criados pelo poder disciplinar citados nos capítulos anteriores se tornando um grande laboratório da espécie humana. Adentraremos ao estudo do panoptismo.

*

3.1 O princípio de funcionamento do panoptismo

Jeremy Bentham foi o criador do projeto que viria a ser o modelo arquitetônico de tal composição do poder disciplinar: o Panóptico. Seu princípio é explicitado por Foucault:

[...] na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta colocar então um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível (FOUCAULT, 2014, p. 194).

Trata-se de um dispositivo que organiza seu espaço de maneira a tornar a visibilidade o princípio de ordem e disciplina. Permite ao guarda enxergar cada detento perfeitamente individualizado e reconhecê-lo imediatamente, mas não permite aos detentos averiguarem a presença do guarda dentro da torre. O filósofo francês apresenta que o indivíduo abrigado nesta estrutura é perfeitamente separado dos outros, pois as celas são individuais e bem separadas na disposição do anel. Assim, a ordem é garantida. Evita-se a possibilidade de conluíus e rebeliões, no caso de tratar-se de detentos; evita-se contágios, se for o caso de se abrigar doentes; evita-se colas e desvios em geral, se for o caso de ensinar crianças, enfim, evita-se a desordem e passa-se a colecionar individualidades separadas. O guardião na torre

tem em suas mãos o controle dessas individualidades calculáveis, enquanto que cada indivíduo somente possui a certeza de que se encontra sob o controle de outrem.

A visibilidade, desde a organização das hierarquias, se apresenta como peça central para o sucesso dos processos de disciplina. É a partir dessa visibilidade que o controle é garantido. Eis o efeito mais importante do Panóptico segundo Foucault: “induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda tornar inútil a atualidade de seu exercício” [...] (FOUCAULT, 2014, p. 195).

Foucault sustenta que Bentham cuidou para que o panóptico cumprisse bem tal função. Para isto, ele estabeleceu como princípio que nesta estrutura o poder devia estar sempre visível, mas que nunca poderia ser verificado. Assim, cuidou para que os presos localizados no anel sempre tivessem a figura da torre sob suas vistas, mas que o vigia não pudesse ser visto. Os presos não sabem se de fato há alguém os vigiando, mas têm a certeza de que sempre podem estar sendo vigiados. “‘Indiscrição’ com respeito a quem ela [a vigilância] se exerce que tem como correlato a maior ‘discrição’ possível da parte de quem o exerce” (FOUCAULT, 2021, p. 23)¹⁰. Graças a esta relação que dissocia o par ver-ser-visto, os detentos mantêm a ordem mesmo que não haja alguém que exerça a vigilância integralmente. O poder passa a se exercer de maneira automática pelo simples jogo de visibilidade posto em prática nesta estrutura. O vigia vê tudo, mas não é visto, o detendo é sempre visto, mas não vê.

O autor explicita que tal princípio não só automatiza o funcionamento do poder, ele também desindividualiza o poder. Em suma, o poder deixa de se concentrar em uma única pessoa e passa a se localizar na distribuição dos corpos individuais, e dos olhares no espaço. Qualquer um que esteja na torre central tem a possibilidade de entender o funcionamento do poder em qualquer que seja a instituição panóptica. Por esta mesma razão, qualquer pessoa localizada na posição de vigia, independentemente de sua motivação, pode fazer a máquina disciplinar funcionar. Diante disto, o autor afirma que “quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado” (FOUCAULT, 2014, p. 196).

As instituições panópticas fazem surgir a partir da visibilidade que elas sustentam, efeitos de poder que levam a uma real sujeição. A estrutura pensada por Bentham, ao

¹⁰ Esta citação foi extraída da introdução organizada por Roberto Machado na 11ª edição da obra *Microfísica do Poder* publicada pela editora Paz e Terra em 2021.

submeter os detentos a uma visibilidade da qual eles são conscientes, faz com que eles próprios retomem as limitações do poder. Assim, eles fazem com que tais limitações funcionem sobre eles mesmos, tornando-se princípio de sua própria sujeição. Em outras palavras, pela possibilidade de ter suas ações flagradas por uma figura punitiva (o vigia), os detentos disciplinam a si mesmos.

Além disso, pela repartição dos corpos e a exposição deles a uma visibilidade constante, este aparelho disciplinar permite qualificar os sujeitos, medir suas aptidões, aplicar-lhes diversos testes, diferenciá-los, obter saber sobre os seus corpos, aplicar-lhes novos saberes, enfim, o Panóptico põe em prática todos aqueles efeitos gerados pelo poder disciplinar, e ainda gera novos efeitos. Ele não só põe em funcionamento como otimiza os efeitos advindos da sanção normalizadora, do olhar hierárquico e do exame. Foucault explicita que a máquina panóptica funciona como uma espécie de laboratório disciplinar, ou seja, permite aos homens fazer experiências com outros homens, agir sobre seu comportamento, aplicar-lhes treinamentos. É um laboratório que atende a diversas instituições, torna possível aperfeiçoar o saber sobre os sujeitos, testar a reação de remédios em seus corpos, testar métodos de punição e relacioná-los com seus comportamentos, testar métodos de ensino, saber sobre o funcionamento de seus corpos, etc. As possibilidades são as mais diversas.

Foucault expõe que o Panóptico, por ser tão amplo em suas funcionalidades, possibilita aplicar controle até mesmo sobre os seus próprios mecanismos.

Em sua torre de controle, o diretor pode inspecionar todos os empregados que tem a seu serviço: enfermeiros, médicos, contramestres, professores, guardas; poderá julgá-los continuamente, modificar seu comportamento, impor-lhes métodos que considerar melhores; e ele mesmo, por sua vez, poderá ser facilmente observado. Um inspetor que surja sem avisar no centro do Panóptico julgará com uma única olhadela, e sem que se possa esconder nada dele, como funciona todo o estabelecimento (FOUCAULT, 2014, p. 198).

É neste sentido que Félix Guattari, ao explicitar seu entendimento do panoptismo na obra de Foucault, afirma que o controle exercido pela máquina panóptica “conduz ao assujeitamento tanto daquele que é olhado, quanto daquele que olha” (GUATTARI, 2007, p. 39) o que garante a não existência de um titular na relação de poder emergida deste dispositivo. Por meio destas relações, o Panóptico se constitui como um laboratório que torna possível as mais diversas experiências com pessoas, assim, otimizando a penetração e eficácia do poder no comportamento dos sujeitos. Tal aumento da penetração do poder, segundo Foucault, possibilita um aumento de saber em todas as frentes de poder.

O pensador francês destaca que há diferenças importantes entre a cidade pestilenta e o panóptico, a começar pela época em que cada um tem seu surgimento. O Panóptico surge posteriormente à cidade pestilenta, há um intervalo de um século e meio entre o surgimento de um e outro. Na prática, a cidade pestilenta configura um poder que surge em torno de uma situação extraordinária, surge para pôr fim a um mal temporário. Assim, organiza seu funcionamento, cria uma espécie de cidade perfeitamente coordenada e age a partir de um dualismo simples em comparação ao panóptico: o da vida e morte. Na cidade pestilenta, se os sujeitos não acatam a disciplina exposta, ou são mortos pelo contágio da doença, ou são mortos pelo poder que os pune pela má disciplina.

Quanto ao Panóptico, Foucault (2014, p. 198) apresenta que deve ser compreendido como “um modelo generalizável de funcionamento”. Trata-se de uma tecnologia política que faz com que o poder adentre a vida dos homens tornando-se parte de seu cotidiano, fazendo-se presente em suas diversas relações sociais. É uma tecnologia política, pois, extraindo seu princípio, ele não se limita a uma estrutura física e a um recorte temporal, mas permite sua aplicação permanente em diversas instituições, e com diferentes objetivos.

O autor francês demonstra que o Panóptico é polivalente em suas utilizações. Pode ser usado para aplicar poder sobre prisioneiros, estudantes, doentes, loucos, operários. Uma tecnologia que, por meio da distribuição dos corpos em uma relação recíproca, com hierarquias organizadas, com canais de poder bem distribuídos, com seus modos de intervenção e sua instrumentalização bem definidas, pode ser aplicada em hospitais, escolas, fábricas entre outras instituições. Foucault afirma que o esquema panóptico pode ser utilizado sempre que se visa aplicar comportamentos ou tarefas específicas a múltiplos indivíduos. Ou seja, sempre que se deseja docilizar corpos, o Panóptico é aplicável.

Uma tecnologia que possibilita o aperfeiçoamento do poder nas suas diversas aplicações e em diversas instituições. O seu princípio reduz a quantidade de indivíduos que exercem o poder, mas multiplica a quantidade dos que são alvo do poder. Seu modo de agir é a pressão constante sobre os indivíduos causada pela constituição de efeitos ininterruptos de poder. Previne os desvios. Tal modo de agir gera economia de tempo, de mão de obra e garante sua eficácia por tornar automática e contínua a aplicação do poder, por agir de maneira preventiva. Sua polivalência e eficácia o torna uma grande ferramenta de governo.

Foucault sustenta que o panóptico é capaz de elevar o nível de qualquer função a que se aplica, pois se liga intimamente à função que deseja fazer agir. Deste modo, este dispositivo possui a capacidade de fazer as relações de poder-saber se ajustarem aos mínimos detalhes daqueles processos que controla. Sendo assim, torna o aumento de poder

proporcional ao aumento de saber nas relações que estabelece. O trecho a seguir traz as palavras de Foucault acerca de tal funcionalidade do panóptico.

Em suma faz com que o exercício do poder não se acrescente de fora, como uma limitação rígida ou como um peso, sobre as que investe, mas que esteja nelas presente bastante sutilmente para aumentar-lhes a eficácia aumentando ele mesmo seus próprios pontos de apoio. O dispositivo panóptico não é simplesmente uma charneira, um local de troca entre um mecanismo de poder e uma função; é uma maneira de fazer funcionar relações de poder numa função, e uma função para essas relações de poder (FOUCAULT, 2014, p. 200).

Funcionando desta maneira, o dispositivo tanto aumenta as relações de poder-saber quanto aumenta seu alcance ao corpo social. Foucault expõe que as instituições Panópticas são abertas à visita de qualquer membro da sociedade. Assim, uma vez que se está dentro de um hospital, escola, fábrica ou prisão, se pode constatar o funcionamento de tais instituições. Esta relação de transparência das instituições panópticas permite a qualquer cidadão vigiar até mesmo os vigias e intendentess, e cobrar-lhes disciplina. Portanto, o arranjo do dispositivo panóptico possibilita uma certa democratização do poder, na medida que permite a qualquer um exercer a vigilância na torre central. A forma com a qual o jogo da visibilidade é trabalhado neste dispositivo eleva seu grau de penetração de tal modo que o põe sobre o controle de uma sociedade inteira.

Ao contrário da cidade pestilenta que se portava como um modelo disciplinar perfeito em sua aplicação, mas extremamente violento, o Panóptico não visa reprimir as forças sociais, mas aumentá-las. Isto permite afirmar que o modo pelo qual o panóptico possibilita o exercício do poder é oposto à violência ostentada nos rituais da soberania. Isto se interliga diretamente à noção de poder como algo produtivo, sustentada por Foucault. Como ele mesmo disse, “se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido?” (FOUCAULT, 2021, p. 44). Tal característica possibilita ao dispositivo não pesar sobre as diversas atividades que visa multiplicar. Por conseguinte, a sutileza com a qual adentra ao corpo social faz com que a disciplina se torne essencial para que haja aumento da produção do saber, da produção econômica, para que se espalhe instrução e eleve a moral pública nas sociedades.

Foucault argumenta que o panóptico tem seu campo de aplicação na análise do indivíduo por meio de processos para torná-lo útil, obediente e, acima de tudo, produtivo. Daí que analise suas distribuições, seus desvios, suas possíveis combinações, cria registros contínuos, entre outros processos. Sobre a produtividade do panóptico no diagnóstico foucaultiano, Ieda Tucherman afirma que o dispositivo “[...] produz um sistema capaz de

organizar princípios de disciplina e vigilância, já que o olhar do outro, sendo sempre possível enquanto vigilância, geraria um sistema de interiorização das regras e das normas, fazendo surgir os chamados corpos dóceis” (TUCHERMAN, 2007, p. 111). Podemos afirmar, portanto, a partir da leitura de Foucault, que o foco deste dispositivo está intimamente ligado ao aumento das relações de disciplina nas sociedades, não mais tendo como finalidade as relações de soberania.

Segundo Foucault, Bentham sonhou fazer das disciplinas instauradas na cidade pestilenta (naquela época com função temporária)

[...] uma rede de dispositivos que estariam em toda parte e sempre alertas, percorrendo a sociedade sem lacuna nem interrupção. O arranjo panóptico dá a fórmula dessa generalização. Ele programa, no nível de um mecanismo elementar e facilmente transferível, o funcionamento de base de uma sociedade toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares (FOUCAULT, 2014, p. 202).

Sendo assim, o panóptico não pode ser visto como um dispositivo qualquer, ou uma simples forma arquitetônica. Extraíndo seu princípio, temos um modelo generalizável de poder que torna a disciplina correlata ao avanço das sociedades em suas diversas relações de poder-saber.

Talvez aqui chegamos ao entendimento do papel mais importante deste dispositivo dentro do diagnóstico feito por Foucault acerca do poder disciplinar. O panóptico, mais que um mero espaço físico, é peça chave nas engrenagens da máquina disciplinar, que pouco a pouco vai se solidificando como base que sustenta e produz a sociedade na qual vivemos: uma sociedade perpassada pela disciplina em suas diversas estruturas.

*

3.2 O panoptismo e a formação da sociedade disciplinar

O surgimento do panoptismo não somente permite o aperfeiçoamento dos processos disciplinares, a lógica posta em prática pelo Panóptico foi o marco que permitiu a disciplina adentrar nas sociedades de maneira cada vez mais insidiosa. Segundo o autor “realizou-se uma generalização disciplinar, atestada pela física benthamiana do poder, no decorrer da Era clássica” (FOUCAULT, 2014, p. 202). Além do aumento das instituições disciplinares que passam a cobrir campos mais vastos das sociedades, Foucault identifica processos mais profundos que acarretam a generalização da disciplina. Três processos ganham ênfase pelo

autor, a saber: “a inversão funcional das disciplinas”; “a ramificação dos mecanismos disciplinares”; “a estatização dos mecanismos de disciplina”.

O filósofo afirma que a disciplina exerce duas funções diferentes em épocas distintas: inicialmente, em meados do século XVII tinha por função neutralizar os perigos, fixar populações consideradas inúteis, impedir pilhagens e desordens; mas ao fim do século XVIII exerce uma função diferente e positiva, a de maximizar as utilidades dos indivíduos. Assim, nas diferentes instituições em que o poder disciplinar se instaura, passa a cumprir a função não só de impedir roubos, desordens, ou pilhagens, mas visa aumentar a habilidade dos indivíduos, torna-os cada vez mais úteis, mais fortes, mais produtivos e mais habilidosos em suas funcionalidades. De um lado as funções negativas, pois visam extrair as forças dos indivíduos. De outro, funções positivas, que não visam extrair as forças, mas multiplicá-las.

Vigiar e Punir nos mostra que o poder disciplinar aos poucos vai se afastando das margens, das funções unicamente punitivas e passa a cumprir uma função mais tática no avanço das sociedades. Suas técnicas são as que visam tornar os sujeitos cada vez mais úteis. A respeito disso, Salma Tannus Muchail (2004) destaca o modo como as disciplinas não se prontificam unicamente a excluir os sujeitos, mas sim incluí-los através das instituições num sistema que os normaliza.¹¹ Portanto, se aproxima mais dos setores de produção, passa a servir sistemas econômicos, se fixar nas funções de produção manufatureira, de transmissão de conhecimentos, difusão de aptidões.

Foucault aponta que no século XVIII houve uma tendência de criar mais instituições disciplinares, e de disciplinar as instituições que já existiam. Este movimento diagnosticado por Foucault representa o que ele denomina a inversão da funcionalidade da disciplina. Em outras palavras, esta inversão ocorre à medida em que a disciplina se distancia das funções meramente repressivas para aproximar das funções produtivas.

Contudo, não somente multiplicar a quantidade de instituições é suficiente para que a disciplina se difunda de vez nas sociedades. A “ramificação dos mecanismos disciplinares” é mais um dentre os processos importantes na difusão da disciplina. Nas palavras do francês:

Enquanto que por um lado os estabelecimentos de disciplina se multiplicam, seus mecanismos têm uma certa tendência a se desinstitucionalizar, a sair das fortalezas fechadas onde funcionavam e a circular em estado “livre”; as disciplinas maciças e compactas se decompõem em processos flexíveis de controle, que se pode transferir e adaptar (FOUCAULT, 2014, p. 204).

¹¹ Segundo a autora, é daí que Foucault trata as instituições disciplinares como “instituições de sequestro”.

Como exemplo, o autor fala da escola cristã que não somente atua sobre as crianças que visa docilizar, mas também como elas adentram ao ambiente familiar estabelecendo vigilância sobre os pais. Eles são agentes na educação de seus filhos fora da estrutura física da escola, portanto entender o modo com que os pais se portam em suas casas junto com seus filhos (como vivem, seus costumes, sua situação financeira) se torna importante no processo de ensino. Uma má conduta dos filhos na escola poderia ser reflexo da vivência deles em casa, logo, se torna pretexto para que se estabeleça vigilância sobre os adultos também. A disciplina se faz presente nos lares dos indivíduos¹².

Em outro exemplo, Foucault aponta a ramificação dos hospitais, que criam subdivisões a partir da construção de hospitais menores que são espalhados pelos bairros das cidades. Assim, a disciplina médica pode reunir informações dos indivíduos espalhados em cada setor de suas cidades e conduzir por meio do registro contínuo as informações obtidas para as autoridades médicas. Além disso, pode espalhar informações sanitárias para as comunidades também. Como consequência, tem-se maior controle do estado sanitário dos indivíduos por região, culminando num maior alcance desta instituição no corpo social. Esta ramificação das instituições leva a disciplina para o cotidiano das pessoas, que passam a conviver diariamente com as ações disciplinares.

Por fim, temos a “estatização dos mecanismos disciplinares”. Foucault apresenta que na França, parte do processo de disciplina social ocorreu por meio da polícia. Ela estabelece uma rede hierarquizada de vigilância que se estende a todo o corpo social e se liga à máquina estatal por meio das relatorias constantes que fornecem um exame ininterrupto aos chefes de estado. Por função, ela deve trabalhar em auxílio da justiça, impedindo roubos, buscando os criminosos, para tanto, acrescenta a disciplina ao seu papel. Segundo o autor, ela “une o poder do monarca às mínimas instâncias de poder disseminadas na sociedade” (FOUCAULT, 2014, p. 208). Assim, atua levando disciplina a lugares que outras instituições não alcançam, disciplinando espaços fora das estruturas criadas unicamente para disciplinar. Por meio da polícia, a disciplina se torna presente nos diversos locais públicos (ruas, praças, becos). Segundo o autor, a organização do aparelho policial ocorrida no século XVIII confirma a generalização da disciplina a nível das dimensões de Estado.

Porém, isto não significa que as funções disciplinares foram inteiramente absorvidas e tomadas por um aparelho de Estado. Segundo o autor, afirmar que foram caracteriza um pensamento errôneo. A disciplina, segundo o francês, está para além de uma instituição ou

¹² Foucault aponta que desde a Era Clássica as famílias passam a absorver os esquemas das instituições como a escola, o hospital entre outras, seguindo um movimento de disciplinarização intrafamiliar.

aparelho. Nas palavras de Foucault, “ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma ‘física’ ou uma ‘anatomia’ do poder, uma tecnologia” (FOUCAULT, 2014, p. 208).

Portanto, a disciplina não se exerce por si só, ela é uma tecnologia passível de utilização por diversas instituições, por diversas pessoas e com diversos intuitos. Pode ser utilizada para espalhar informação (por meio das escolas), para aperfeiçoar meios de produção (pelas fábricas), para prevenir doenças e espalhar instruções sanitárias (pelos hospitais) e serve até mesmo ao aparelho do Estado, mediante a função não exclusiva que a política tem de espalhar a disciplina por toda uma sociedade.

A formação da “sociedade disciplinar”, segundo Foucault, pode ser dita neste movimento do poder disciplinar que parte das disciplinas fechadas e culminam no mecanismo que permite sua generalização; o panoptismo. Isto não significa que o modelo de poder disciplinar suprimiu outras formas de poder, mas ela se ajustou a todas as outras, passou a intermediar relações de poder, permitindo ligá-las entre si, permitindo levar os efeitos de poder a campos mais vastos, a lugares que não se imaginava. O princípio do panóptico serve à disciplina não só possibilitando o aperfeiçoamento dessa modalidade de poder, ele permite que a disciplina se expanda a ponto de formar um modelo de sociedade.

O panoptismo, unido aos processos de disciplina, insere os indivíduos numa sociedade perpassada por processos que visam o aperfeiçoamento das forças, que trabalha seus meios de comunicação para acumular saberes e centralizá-los, que não reprime as totalidades individuais, mas que investe em processos que fabricam de maneira cuidadosa o indivíduo. Nas palavras do autor: “Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens” (FOUCAULT, 2014, p. 210).

Em suma, o jogo da visibilidade traga pelo Panóptico torna os objetos e sujeitos os operadores do poder disciplinar. Por tornar-se princípio geral de controle, afirma Salma Tannus, que este sistema

[...] desdobrar-se-á no aperfeiçoamento, na multiplicação e na diversificação de instrumentos de vigilância (até os mais sofisticados), de modo a que as instituições disciplinares cumpram, efetivamente, diversificadas funções que respondem à instalação e ao desenvolvimento da sociedade disciplinar (MUCHAIL, 2004, p. 66).

Acerca deste mesmo tema, Fernando Fagundes Ribeiro irá dizer que a intenção do filósofo francês ao tratar de uma sociedade disciplinar está “na análise do exercício de um

poder que permeava uma série de instituições até então supostas diferentes quanto à sua natureza e finalidade – escola, caserna, fábrica -, apresentando-as todas como semelhantes às prisões” (RIBEIRO, 2007, p. 77). Daí a semelhança que as diversas instituições citadas possuem umas com as outras, em especial com a prisão: o panóptico é o modelo generalizável da vigilância e controle destas instituições.

Assim, cada indivíduo nasce numa estrutura que investe sobre eles um poder que os torna o princípio de sua própria manutenção. Ao torná-los professores, policiais, médicos, operários, escritores, fará eles trabalharem pouco a pouco, conscientes ou não de sua sujeição, na manutenção e aperfeiçoamento deste poder que age sobre suas próprias vidas. A disciplina, como um conjunto de técnicas criadas para garantir a ordenação das multiplicidades humanas, se integra aos grandes processos que culminam na formação das sociedades modernas. Seu modo de agir acarreta características que torna sua própria ação tão importante e presente neste movimento de evolução.

Como vimos, a disciplina possui funções importantes para que os sistemas econômico-políticos possam crescer e se tornarem viáveis. Mais viáveis, pois o modo como suas técnicas a fazem vetor de sua própria manutenção e aperfeiçoamento diminui os custos do exercício de poder (diminui despesas econômicas e políticas, por ser discreta em seu exercício e agir sobre os indivíduos sem gerar muita resistência). Enfim, liga o crescimento econômico do poder aos aparelhos em que se exerce, agindo no crescimento da docilidade e utilidade dos diversos elementos existentes no sistema. Segundo o autor, este movimento da disciplina responde à conjuntura histórica bem conhecida que culmina na formação da sociedade como conhecemos.

O crescimento demográfico acentuado no século XVIII, o crescimento dos aparelhos de produção que acarretam um aumento na sua complexidade, extensão e custos são aspectos históricos aos quais a disciplina responde e faz crescer sua renda. Foucault aponta que o poder feudal e da monarquia administrativa não eram capazes de cumprir o que a disciplina veio fazer, pois possuíam lacunas e pouca regularidade em suas redes. Esses poderes eram exercidos de maneira conflitante e geravam muitas despesas. Conforme as palavras do autor:

Dispendioso em vários sentidos: porque diretamente custava muito ao Tesouro, porque o sistema dos ofícios venais ou o da cobrança dos impostos pesava de maneira indireta e muito sobre a população, porque as resistências que encontrava o arrastavam a um ciclo de reforço perpétuo, porque procedia essencialmente por retirada (retirada de dinheiro ou de produtos pelo fisco monárquico, senhorial, eclesiástico; retirada de homens ou de tempo pelos serviços obrigatórios ou pelos alistamentos, pelo encarceramento de vagabundos ou seu banimento) (FOUCAULT, 2014, p. 211).

A forma com a qual a disciplina se porta em referência a estes processos históricos é diferente. Em sua evolução tem-se o surgimento de técnicas do poder emergidas de outro tipo de economia. Contrapondo o modo de ação da monarquia e do poder feudal, o modo como o panóptico se instaura é um dos marcos da época para a economia do poder, pois o olhar exige menos despesa. Menos soldados, menos armas, menos retirada, menos confiscos, e tudo isso devido a um princípio que torna os próprios sujeitos responsáveis pela manutenção de sua vigilância¹³. Foucault chega ao diagnóstico de que os mecanismos do poder disciplinar se inserem por dentro aos aparelhos produtivos, se tornam parte de sua eficácia, adentram ao crescimento dessa eficácia, integram-se à utilização do produto final de tal eficácia.

A disciplina realiza uma mudança no princípio, por trás da economia do poder: o que antes se baseava na violência, na “retirada”, passa a se basear na suavidade, na produtividade, na lucratividade. As técnicas que atendem a esse princípio são as que possibilitam ajustar as multiplicidades humanas, multiplicar os aparelhos de produção¹⁴. Princípio que rege seus objetivos econômicos e políticos, segundo Roberto Machado “tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contrapoder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente” (FOUCAULT, 2021, p. 20).¹⁵

Para tanto, a disciplina se prontifica por meio de sua aparelhagem a cobrir todas as lacunas que a antiga economia de poder não cobria. Ela organiza seus instrumentos para tornar possível reduzir tudo o que possa tornar nulo as vantagens de se manipular multiplicidades. Estabelece domínio sobre as forças emergidas da própria formação de multiplicidades arranjadas e faz multiplicar as forças de cada sujeito (elemento de tais multiplicidades) da maneira mais econômica possível. Enfim, por meio de dispositivos anônimos (sanção normalizadora, exame, olhar hierárquico, o Panóptico) faz as relações de

¹³ Foucault afirma que o modo violento como o poder monárquico agia era ineficiente, pois tornava maior os riscos de revolta, o que traria um custo político elevado. “Se a violência for grande, há risco de provocar revoltas; se a intervenção for descontínua, há risco de permitir o desenvolvimento, nos intervalos, dos fenômenos de resistência...”. Em contrapartida afirma: “Já o olhar vai exigir muito pouca despesa” (FOUCAULT, 2021, p. 330).

¹⁴ Deve-se lembrar que a produção abordada por Foucault deve ser entendida não no sentido comum (como resultado de processos que levam a confecção de algum tipo de objeto), mas produção de saberes e aptidões, produção de saúde, produção de forças destrutivas. Esta produção é resultado dos processos ocorridos em instituições disciplinares, como a escola, o hospital, o exército.

¹⁵ Citação extraída da introdução organizada por Roberto Machado na 11ª edição da obra *Microfísica do Poder* publicada pela editora Paz e Terra em 2021.

poder ocorrerem não de maneira ascendente, mas entre as multiplicidades. A esse respeito, Foucault explica:

Em suma, substituir um poder que se manifesta pelo brilho dos que o exercem, por um poder que objetifica insidiosamente aqueles aos quais é aplicado; formar um saber a respeito destes, mais que patentear os sinais faustosos da soberania. Em uma palavra, as disciplinas são um conjunto das minúsculas invenções técnicas que permitiram fazer crescer a extensão útil das multiplicidades fazendo diminuir os inconvenientes do poder que, justamente para torná-las úteis, deve regê-las. Uma multiplicidade, seja uma oficina ou uma nação, um exército ou uma escola, atinge o limiar da disciplina quando a de uma para com a outra se torna favorável (FOUCAULT, 2014, p. 213).

Foucault nos mostra que os processos que permitem a acumulação de homens caminham juntamente aos processos que permitiram a acumulação de capital, o que permite a decolagem econômica e política do ocidente. Elas se relacionam na medida em que os processos disciplinares permitem organizar o aparelho de produção que acumula os homens e os utiliza. Essa própria técnica de acumulação e utilização permite o crescimento e aceleração do processo de acumulação de capital. Segundo Foucault “as mutações tecnológicas do aparelho de produção, a divisão do trabalho, e a elaboração das maneiras de proceder disciplinares mantiveram um conjunto de relações muito próximas” (FOUCAULT, 2014, p. 213).

Trata-se de uma relação de coexistência entre uma e outra. De maneira prática, as disciplinas carregam os processos técnicos que amplificam as forças individuais, as maximiza como força útil e as reduz como força política. Foucault conclui que o crescimento da economia capitalista ocorre devido ao seu apelo à especificidade de um poder que pode se fazer funcionar por instituições e regimes políticos diversos.

O que se pode perceber a partir da leitura de Foucault é que a evolução das sociedades ocidentais se dá por processos que muitas vezes ou por muito tempo não foram percebidos. A história dos mecanismos disciplinares por muito tempo foi negligenciada pelos livros comuns de história, mas o autor não poderia deixar isso barato, para tanto realizou estudos que se tornam cada vez mais importantes para a compreensão das sociedades modernas. A disciplina, acarretada por todos os seus processos complexos, esteve presente no interior das relações que formam o indivíduo contemporâneo.

A sanção que normaliza, o exame ininterrupto, a vigilância, o panoptismo, entre os diversos processos, são apenas os mais importantes. A inserção destes dispositivos numa lógica funcional que automatiza os efeitos de poder se apresenta como difusores da disciplina para a totalidade das sociedades ocidentais. O panoptismo tem papel central na expansão e

consolidação das disciplinas nas sociedades na medida em que permitiu ao poder disciplinar tornar-se cada vez mais sutil, menos custoso e mais insidioso. Portanto, o Panóptico, enquanto uma tecnologia que está para além de sua estrutura arquitetônica, enquanto tecnologia produtora de disciplina, tem como produto a “sociedade disciplinar”.

Foucault deixou indícios de que a evolução das relações acarretadas pelo poder disciplinar não cessara. O que ele analisou foi a ascensão de um poder emergido em meados do século XVIII, que era existente na sociedade em que vivera e que ainda em seu tempo demonstrava mudanças. Trata-se de um processo histórico que vem ocorrendo durante séculos. O sistema de instituições perpassadas pela disciplina parece seguir consolidado nas sociedades e parece cada vez mais presente nas vidas das pessoas de maneira normalizada. Cabe, portanto, pensar na existência desses processos ainda nos dias atuais. Estaria o Panóptico, em conjunto com os processos disciplinares que o engloba, ainda em vigor nas sociedades contemporâneas?

*

3.3 O panoptismo na contemporaneidade

O Panóptico, conforme sugere Foucault, a partir do século XIX torna-se presente não só na prisão, mas, na escola, no hospital, no exército e em várias outras instituições disciplinares que não foram citadas aqui, estando até mesmo fora destas instituições, espalhado pela totalidade das sociedades. Por causa de afirmações como estas, tratar sobre este dispositivo tão poderoso nos faz não somente pensar nas relações políticas dos séculos passados, mas também pensar em como sua criação influencia as relações de nossa contemporaneidade.

O panóptico no contexto em que foi criado por Bentham diz respeito a um modelo prisional que respondia ao contexto das reformas penais ocorridas no século XVIII. Conforme vimos anteriormente neste estudo monográfico, o modelo prisional criado por Bentham tinha por objetivo tornar a vigilância dentro das instituições prisionais algo automatizado, de modo com que os próprios detentos abrigados nestas instituições se tornassem agentes de sua própria vigilância devido à consciência inquieta de que sempre estão à mercê do olhar de um vigia.

Foucault, ao extrair o princípio deste esquema criado por Bentham, revela suas funcionalidades enquanto uma tecnologia que se expande para outras instituições além das

prisões e doravante permite a consolidação das sociedades ocidentais como sociedades inteiramente perpassadas por relações de disciplina graças ao exercício do poder que se consolida pela vigilância. É neste sentido, pelo qual o panóptico aparece como uma tecnologia, que muitos estudiosos ainda avaliam a existência dos efeitos gerados pelo princípio do panoptismo nas sociedades atuais. Para finalizar nossa análise acerca deste dispositivo, cabe, portanto, averiguar mesmo que de maneira breve e até mesmo ensaística a sua possibilidade de atuação nas sociedades pós-modernas.

Os 300 anos que se estendem entre o surgimento do panóptico e o início do século XXI são marcados pelo surgimento de diversas tecnologias. Cabe destacar principalmente o surgimento da *internet* e todo o aparato tecnológico em torno desta ferramenta que caracteriza grande parte das relações da atual sociedade. A *internet*, desde sua criação no século XX, permitiu grande avanço nas tecnologias de comunicação, sendo marco para a globalização que vivemos, e se tornou cada vez mais indispensável para a vida das pessoas. O surgimento de *hardwares* e *softwares* que se interligam pela rede de internet, como por exemplo, *smartphones*, computadores, e até mesmo automóveis nos permite afirmar que a atual sociedade é uma sociedade conectada. Portanto, falar da sociedade atual é quase impossível sem ao menos citar esta tecnologia.

É neste contexto que surge a tese de que o panóptico pode estar mais vivo do que nunca e tendo seu princípio de vigilância expandido graças às mais diversas tecnologias desenvolvidas nos últimos séculos, dentre elas a rede de *internet*. Ieda Tucherman no texto “*Michel Foucault Hoje ou ainda: Do dispositivo de vigilância ao dispositivo de exposição da intimidade*”, diz que “se houve um dispositivo de vigilância, onde se poderia estar sendo visto sem que se soubesse quando, o que era normatizador, hoje vivemos um dispositivo de exposição da intimidade” (TUCHERMAN, 2007, p. 117). A autora expõe que na pós-modernidade, onde ocorre a popularização da internet e das redes sociais, as pessoas passam a se expor por si mesmas, como um movimento de saída do anonimato.

Desta relação podemos nos questionar até que ponto sair do anonimato não pode ser algo útil às relações de vigilância. O panoptismo, como bem analisamos anteriormente, é um dispositivo que mais visa a exposição dos corpos para uma vigilância ininterrupta do que seu anonimato. Não estaria as relações ocorridas na *internet* servindo ao princípio de vigilância típica deste dispositivo? Até que ponto, se expor na *internet* não é permitir-se ser vigiado?

Pensando nas relações entre *internet* e vigilância, Saulles e Horner apontam o possível surgimento de um “Panóptico portátil”. No artigo intitulado “*The portable panopticon: Marality and mobile Technologies*” os autores investigam as relações de

vigilância típicas do panoptismo que emergem nas relações de extrema visibilidade permitida pelos novos aparelhos de comunicação móveis, que proporcionam a cada sujeito a possibilidade de se exporem na rede de *internet*, e também de vigiar pessoas através de *smartphones* entre outros dispositivos.

Pelo fato de atualmente quase todo cidadão possuir uma câmera em sua mão e poder gravar secretamente as atividades de outrem, os autores destacam o surgimento de uma vigilância dispersa, pela qual resulta numa mudança de comportamento das pessoas, que convivem com a certeza diária de que a todo tempo podem estar sendo vigiadas por um estranho. Esta certeza de estar sendo vigiado é que comporta a análise de que esta pode ser uma relação panóptica, pois aí temos a famosa dissociação do par ver-ser-visto transcrita para as relações de poder contemporâneas.

Como exemplo, os autores apresentam casos em que as câmeras são utilizadas para gravar a má conduta de policiais em manifestações, casos de escolas que proíbem que alunos levem celulares com câmeras com o intuito de prevenir filmagens de brigas e práticas de *bullying*, entre outros desvios. Poderíamos ainda acrescentar casos recentes, como a morte do homem negro George Floyd em 2020, que foi filmada por pessoas que passavam na rua quando o homem sofria a agressão dos policiais que o assassinaram. Talvez estes policiais teriam passado impunes de seu crime se não fossem filmados, ou melhor, vigiados. Tais exemplos servem para nos fazer pensar o cenário no qual, a todo tempo, temos a certeza de que alguém pode estar vigiando nossas ações. Seja seu aluno, seu patrão, sua esposa, a polícia, etc. E este cenário é que poderia configurar a pressão que faz com que nos mantenhamos disciplinados nos diversos ambientes que frequentamos.

O fato é que as diversas instituições investigadas por Foucault e citadas ao longo deste texto não deixaram de existir, na verdade, funcionam a todo vapor na sociedade atual, com mudanças ou não em seu modo de funcionamento. Mais que os celulares com câmeras, estabelecimentos comerciais e instituições diversas investem em sistemas de câmeras de vigilância, na qual os sujeitos abrigados em suas instâncias, tem seus movimentos a todo tempo vigiados. Quem nunca se deparou atualmente com uma placa dizendo “sorria, você está sendo filmado”? Saber que se está sendo filmado é um ótimo motivo para mudar seu comportamento. Se você é um funcionário, é um motivo para se comportar em seu trabalho, afinal ninguém quer correr o risco de ser punido por seu empregador. Se a intenção é fazer um assalto, o assaltante carrega a certeza de que pode ser filmado e reconhecido pela polícia. E não seriam essas relações muito semelhantes à vigilância panóptica?

Nascer na atual sociedade significa nascer em um ambiente de disciplina e vigilância. Naturalmente nascemos em hospitais, muito cedo somos levados à escola, nas ruas nos encontramos com a polícia, e também somos agentes de nossa própria vigilância; seja estando abrigado em alguma dessas instituições envoltos em uma hierarquia de trabalho, seja na rua buscando manter uma boa convivência com pessoas que muitas vezes nem conhecemos. Mesmo através de dispositivos como câmeras e celulares, ou através de nossos próprios olhos, a vigilância não cessara. Muitas podem ser as mudanças nas relações de disciplina e vigilância na contemporaneidade, o panóptico portátil de Saulles e Horner é apenas uma dessas possíveis mudanças, mas que comprovam que Foucault foi muito assertivo no diagnóstico de uma sociedade disciplinar.

As colocações de Saulles e Horner são muito importantes, pois nos permitem responder aquela pergunta feita anteriormente: teria o panóptico deixado de existir? Se pensarmos no panóptico em acordo com o diagnóstico foucaultiano, de uma tecnologia que se expande ao corpo social, se apropriando das mais diversas relações possíveis, como por exemplo a *internet* e os aparelhos que se conectam à rede, talvez a resposta seja não. E com base nas afirmações dos autores, se ele existe, ele se exerce a partir relações das quais Foucault não poderia ter investigado, pois não viveu o bastante para isso. Porém, podemos pensar que o filósofo francês não ficaria triste por não ter vivido para ver isso, afinal, ele deixou uma obra que é grande ferramenta para que nós, seres que vivem na contemporaneidade, possamos averiguar a partir de suas ideias, as novas relações de poder (ou não tão novas assim) que envolvem nossa sociedade.

Diria que poucos se colocam a pensar no papel das instituições em sua vida, na influência delas em seu comportamento, ou no modo como o olhar do outro exerce influência em nosso modo de agir. Quando me faço a pergunta, “por que me adequo?”, Foucault aparece em minha mente, e a possível resposta seria: pois nascemos em estruturas que investem em nossa adequação, que nos vigiam incessantemente e nos ensinam vigiar para que nos mantenhamos adequados ao modo de produção que nós mesmos criamos.

*

Considerações finais

Ao longo deste estudo, são muitas relações que nos saltam os olhos. Foucault, ao estudar o nascimento da prisão, não somente mostra as mudanças ocorridas no modo de punir indivíduos desde o século XVII, ele apresenta toda a história de desenvolvimento de um tipo de poder que muito tem a dizer sobre nossas sociedades. Seu diagnóstico nos mostra como o indivíduo moderno surge em meio a todo um aparato tecnológico que investe em sua coerção e adequação a um modelo de produção. Produção num sentido amplo, no qual estão incluídas a produção de subjetividades, de técnicas de poder, de comportamentos e utilidades.

O poder disciplinar, mais que um tipo de poder, é uma tecnologia capaz de ser usada para as mais diversas funcionalidades, e nos mais diversos modelos de sociedade. Foucault nos mostra diversos exemplos do exercer deste poder no contexto das sociedades ocidentais, em especial na sociedade francesa, seu país de origem. Em nossa análise acerca do poder disciplinar no diagnóstico feito por Foucault, chegamos ao entendimento que sua principal função ou propósito, consiste na docilização massiva de pessoas, culminando num investimento gigantesco na produção de subjetividades produtivas, obedientes e normalizadas.

O filósofo francês apresenta como o poder disciplinar se expande pelo corpo social através das diversas instituições da época, e assim se torna essencial na constituição dos sujeitos. Apresenta também, como seu investimento se dá numa escala microfísica, sendo causa de docilização nos níveis mais essenciais do comportamento humano, no nível da mecânica e constituição de saberes. Além disso, o modo com o qual a disciplina se aperfeiçoa possui particularidades. O poder disciplinar, ao mesmo tempo que se direciona aos corpos, cria saberes acerca deles e acerca do próprio exercer de seu poder. Como resultado, temos uma grande escalada no aperfeiçoamento das técnicas de coerção dos corpos, na qual os próprios corpos servem à manutenção e aperfeiçoamento das técnicas do poder disciplinar.

No cerne dessas relações, os dispositivos citados possuem grande importância, pois exercem funções essenciais no desbloqueio tecnológico da produtividade moderna. Graças às técnicas de transmissão de saberes, de treinamento, de coleta de dados, de vigilância, entre outras, esse poder tornou-se presente nas mais diversas relações sociais.

Percebe-se que o dispositivo panóptico, mais que um modelo arquitetônico, é uma tecnologia que age na expansão do poder disciplinar. Graças ao modo como ele une as técnicas da sanção normalizadora, exame, e vigilância hierarquizada num sistema que torna o controle ininterrupto e automático. Sua forma de atuação torna a coerção mais sutil e menos custosa, o que faz com que ocorra menos resistência dos indivíduos ao poder e menos gasto nas instituições que exercem esse poder sobre os corpos. Como resultado, o panóptico foi a tecnologia capaz de levar a disciplina para além dos muros das fábricas, hospitais, prisões,

liceus, entre outras instituições, culminando na expansão do poder disciplinar para as sociedades e na formação da chamada “sociedade disciplinar”.

Por fim, pode-se concluir que o estudo realizado por Foucault tem muito a nos dizer sobre o poder e as sociedades nas quais vivemos. O poder, conforme apresenta Foucault, não tem em seu exercício características apenas repressivas, mas, é essencialmente produtivo, o que revela suas características também positivas. O autor não se propõe simplesmente a apontar o que é o poder, ou o que é a disciplina, mas também para nos fazer pensar que onde há relações humanas, há relações de poder, e que o poder não somente se encontra numa relação de dominação e repressão. O autor, com seus estudos, nos faz pensar como emergimos em meio às diversas relações de poder que nos cercam, e como no meio dessas relações, a disciplina, em conjunto com seus aparatos tecnológicos, tem tanto a dizer sobre o indivíduo moderno quanto as relações comumente encontradas nos livros convencionais de história.

A história das instituições e do poder disciplinar não somente revela o “homem do humanismo moderno”, ela revela como esse poder é capaz de formar tal sujeito, a sociedade para qual este sujeito serve, e o modo como o poder se entremeia aos corpos, tornando-os as engrenagens desta máquina que é a sociedade disciplinar.

Foucault nos dá instrumentos para que possamos pensar sobre nossas sociedades e sobre nós mesmos enquanto sujeitos constituintes dessas sociedades. Nos dá instrumentos para que possamos pensar o funcionamento não só das sociedades da “Era Clássica”, as das sociedades modernas, e contemporâneas. Contudo, este é o diagnóstico do poder disciplinar segundo Foucault, este poder sutil, por muito invisível, mas capaz de fazer qualquer sujeito se adequar a um modo de agir, e manter cada sujeito perfeitamente onde o poder precisa, pois os tornam as próprias engrenagens dessa máquina coercitiva.

Referências

- CASTRO, Edgardo. *Introdução à Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Editora: Vozes. Petrópolis, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder; organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado*. 11° ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- GUATARI, Félix. *Microfísica dos Poderes e Micropolítica dos desejos*. In: QUEIROZ, André / CRUZ, Nina Velasco (org.). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 33-41.
- MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, simplesmente*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

- RIBEIRO, Fernando Fagundes. *Somos todos psiquiatras: a genealogia do poder perante os saberes do homem, e o corte epistemológico*. In: QUEIROZ, André / CRUZ, Nina Velasco (org.). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 70-96.
- SAULLES, Martim/HORNER, David S. *The portable panopticon: morality and mobile technologies*. School of Computing, Mathematical and Information Sciences, University of Brighton, Brighton, UK. Received 6 January 2011 Accepted 9 June 2011.
- TUCHERMAN, Ieda. *Michel Foucault, hoje ou ainda: Do dispositivo de vigilância ao dispositivo de exposição da intimidade*. In: QUEIROZ, André / CRUZ, Nina Velasco (org.). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 108-118.
- VASCONCELLOS, Jorge. *Foucault, pensador do presente*. In: QUEIROZ, André / CRUZ, Nina Velasco (org.). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 11-18.